



Gazeta das Aldeias

N.º 2434

1 DE NOVEMBRO DE 1960

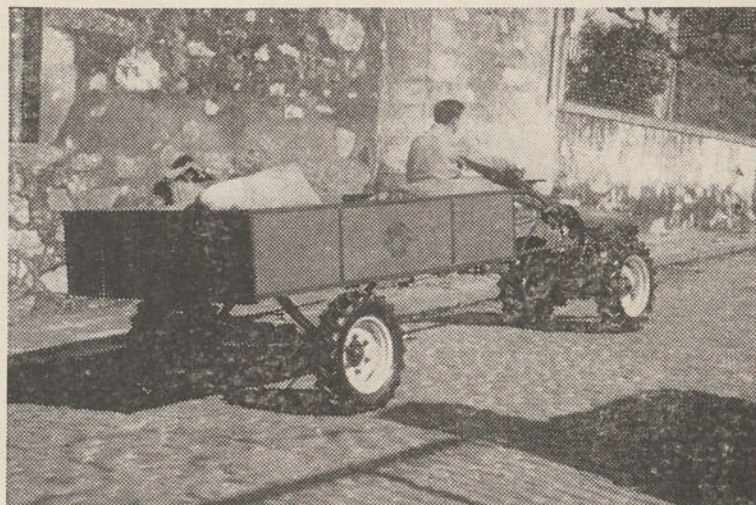
Sala

Est.

Tab.

N.º

Siga-me... Acompanha-nos a melhor Técnica!



Motocultor L5-H 13 HP, O MAIS MODERNO E POTENTE DO MERCADO
(Via regulável entre 70 e 108 cms.)

Faz todos os trabalhos agrícolas e... **REBOCA 1.800 Kgs.**

ISENTO DE CARTA DE CONDUÇÃO

BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ

Tractor T5-13 HP, um gigante com corpo de aço

- Motor Hatz, diesel
- 10 velocidades
- Via regulável entre 89 e 105 cms.

.....

As máquinas **BUNGARTZ** já trabalham desde o Minho ao Algarve.

.....

Consulte-nos sobre o equipamento que lhe convém.



RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

75 — Galeria de Paris — 77

PORTO

Telef. 25397

Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

3455

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

L I S B O A

R. do Comércio, 49

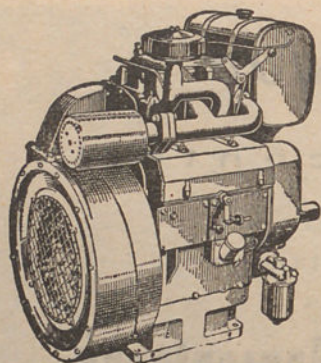


P O R T O

R. Sá da Bandeira, 84

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

Motores Diesel



RUSTON

OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE
LUGARES DE AZEITE, MORGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.
 REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS
 POR AR OU ÁGUA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

HARKER, SUMNER & C.^a, L.^{da}

PORTO — 38, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18 — LISBOA

3074

A Tesoura que Todos preferem!

PRADINES n.º 3



PROH. 406 For



**LAMINA
 SUBSTITUIVEL
 EM AÇO SUECO**

Especialmente criada para os
 profissionais :
 Viveiristas, Fruticultores,
 Viticultores.

leve mas robusta

A elevada resistencia dos aços de alta
 qualidade que entram na sua fabri-
 cação, permitiu reduzir consideravel-
 mente o peso, aumentando a sua
 robustez.

potente e confortavel

A precisão do fabrico de todos os
 seus órgãos, a lamina de gume incisivo
 a forma estudada para facil manobra,
 o amortecedor de choque, permitem
**realisar sem esforço cortes per-
 feitos, nos mais fortes ramos.**

a mais duravel

Todas as vantagens indicadas fazem
 com que esta seja a tesoura de
maior duração. Durante muitos
 anos ela vos prestará os melhores
 serviços que duma tesoura se pode
 esperar.

PRADINES

**A FERRAMENTA DE PRECISÃO DA CIRURGIA
 VITICOLA E ARBORICOLA**

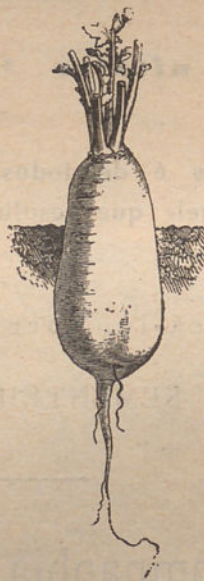
NOVIDADES AGRICOLAS RODANA L^a
 Rua Teixeira de Pascoas 21E
 Rua Dr. Gama Barros 60
 Telefone 728848 LISBOA · 5

Representantes Exclusi-
 vos para Portugal Ilhas
 e Ultramar

Concedem-se Agencias nos concelhos Disponiveis

3700

**Para bem colher é
 preciso bem semear,**
 mas cautela, não es-
 queça que só com
 boas sementes se
 conseguem os bons
 produtos.



O **CENTRO AGRICOLA**
 que à sua secção de
 sementes vem já há
 tempos a dedicar o
 seu melhor cuidado,
 nomeadamente na
 selecção dos seus for-
 necedores, lembra
 aos seus Clientes que,
 nesta época, se faz
 a sementeira de:

Alfaces, Acelgas,
 Agriões, Beterraba para
 mesa e para forragem,
 Couves pencas, tronchu-
 das, lombardas, de rep-
 lho, de couve-flor, Ce-
 nouras, Espinafres, Nabos, Rabanetes, bem
 como, ainda, de Azevém, Luzerna, Serradela,
 Trevos, Tremoço, etc., etc., e, ainda, das mais
 belas flores para cultura no Outono.

Quer ser servido com honestidade e com as
 melhores sementes? Faça os seus pedidos ao

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

ADUBOS — MÁQUINAS — SEMENTES

Rua de Santa Catarina, 309 — PORTO
 Telef. 25865/25866 — Teleg. «Agros»

Catálogo grátis em distribuição e preços
 especiais aos senhores «REVENDEDORES».

2747

NOVOS PROCESSOS DE CONSERVAÇÃO

DA

BATATA



— *BIKARTOL* —

PREVENTIVO CONTRA O GRELAMENTO E APODRECIMENTO

Além das propriedades acima anunciadas, **evita as perdas de peso por desidratação**. Numerosas aplicações, efectuadas na passada campanha, pelos Srs. Lavradores, nossos estimados clientes, demonstraram ser este produto de **extraordinária eficácia, económico e de fácil aplicação**. Usar 1,2 a 2 kgs. de produto por tonelada de batatas.

— *KARSAN* —

PREVENTIVO CONTRA O APODRECIMENTO

Evitando também as perdas de peso por desidratação. Pode-se aplicar mesmo na batata de semente, pois **não afecta as propriedades germinativas** dos tubérculos. Permite conservar uma tonelada de batata (mais de 66 arrobas) com cerca de 400 grs. de produto.

Tanto o *BIKARTOL* como o *KARSAN* não dão mau sabor nem cheiro às batatas, nem são perigosos para a saúde humana. São ambos fabricados pela SCHERING de Berlim.

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA

2891

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS

GAZETA das ALDEIAS

(443)

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível
Todos os Grémios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

- SOJAGADO N.º 1 — para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — para gado vacuum em geral
- SOJAGADO N.º 3 — para porcos
- SOJAGADO N.º 4 — para aves e galináceos
- SOJAGADO N.º 5 — para aves até 8 semanas

3584

SOJAGERME — Proteínas + Gordura 36% (este para desdobramento e composição de rações)
SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63
Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 23830 e 27806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

**Contra cansaço
e abatimento:**



Cafiaspicina®

os comprimidos
garantidos
pela



3640

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Bâsculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade — 10 quilos
Mostrador — 1 quilo
Divisões — 5 gramas

Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação

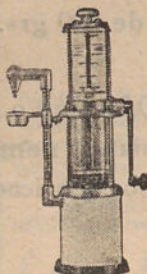


MODELO M4CH

**Medidora para Petróleo,
Azeite e Óleo**

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE



AVERY PORTUGUESA, L. DA

SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 42001
FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 23 — Telef. 22144
AGÊNCIAS } COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512
 } FUNCHAL — R. Ferreiros, 18 — Telef. 318.2286

Distribuidores de Adubos



(Patente registada N.º 34753)

Os mais perfeitos, económicos e de maior rendimento

**MONTAGEM FÁCIL NO LEVANTADOR
HIDRÁULICO DE QUALQUER TRACTOR**

Todas as engrenagens trabalham em banho de óleo, e devidamente isoladas das poeiras

**CAPACIDADE DE
ESPALHAMENTO**

Superfosfato granulado até 10 metros

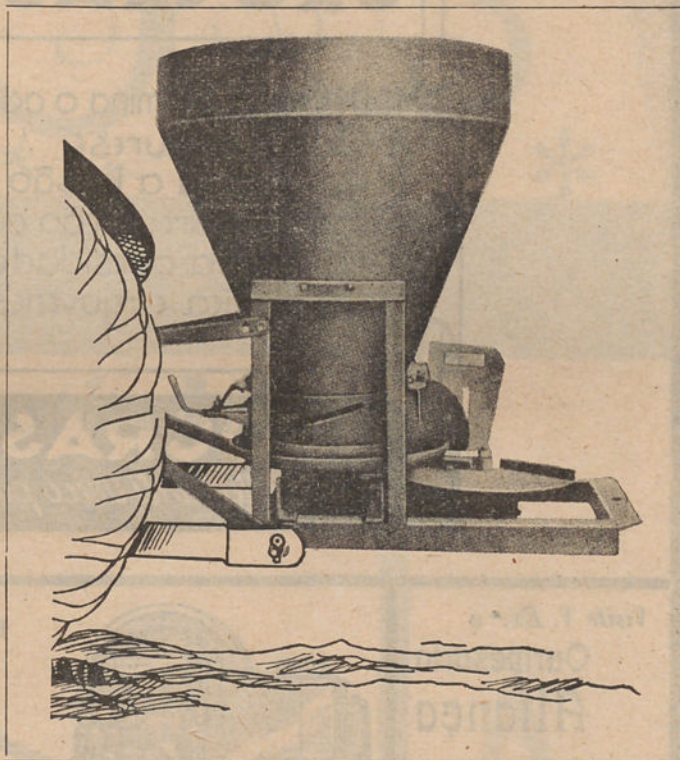
Fertilizantes em pó . até 6 metros

Nitrato de cal . . até 8 metros

Cal em pó . . . até 4 metros

Utilizando adubos em pó,
o dispositivo de cortinas «NM»
evita que o pó mais fino seja
levado pelo vento.

O ESPALHAMENTO É TÃO
PERFEITO QUE MUITOS
SRS. LAVRADORES OS UTILIZARAM
COMO SEMEADORES, COM OS
MAIS LISONJEIROS RESULTADOS.



Representantes exclusivos para Portugal e Províncias Ultramarinas:

O. L. I. V. E. R.

3695

Organização Lusitana de Importações, Vendas e Representações, Lda.

60-A a 60-C Alameda D. Afonso Henriques

End. Telegráfico: «Tracoliver»

L I S B O A

Telefones: 72 51 33 e 72 51 34

GAZETA das ALDEIAS

(445)

Os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS
DO ALTO VALOR DA
UROCRASINA

- 1º Dissolve e elimina o acido urico
- 2º Activa a diurese
- 3º Regularisa a tensão arterial
- 4º Facilita a circulação do sangue
- 5º Combate a obesidade
- 6º Desintoxica e rejuvenesce

2816

UROCRASINA
O específico Anti-urico por excelencia

Visite V. Ex.^a a

**Ourivesaria
Aliança**

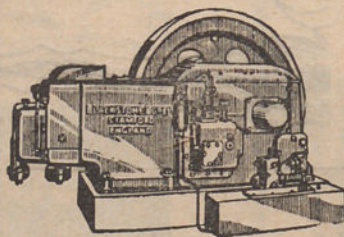
onde encontrará

Jóias, Pratas,
Mármore e Bronzes

a preços fixos.

PORTO 3056
191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50



PARA:

- DEBULHADORAS
- LAGARES DE AZEITE
- MOAGENS
- BOMBAS

MOTORES DIESEL

Lister-Blackstone

Pinto & Cruz, Limitada

Rua de Alexandre Braga, 60-64 — Telefone, 26001/2 — PORTO

2177



Ácidos Cítrico e Tartárico * Metabissulfito de Potássio * Taninos "DYEWOOD" * Solução Sulfurosa * Calgonit * Soda em Cristais * Sebos para Empostigar * Wino * Parafinas, etc.

Mustímetros * Glucómetros * Areómetros * Gluco-Enómetros * Termómetros * Acidímetros * Ebuliómetros * Vinómetros, etc.

Mangueiras de Borracha e de Plástico * Filtros * Bombas * Enchedores * Gaseificadores * Rolhadores * Tesouras para Poda.

3546

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefone, 28093
Teleg. Guipeimar

TILLANTIN

OS DESINFECTANTES IDEAIS PARA AS SUAS SEMENTES.

AMATIN

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:
S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola
RUA SOCIEDADE FARMACÉUTICA, 3 — LISBOA

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL

e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto.

A irritação é dominada, e a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogarías

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 — LISBOA



Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Dedetoxil, Lin-Toxil (em pó e em líquido), **Lintal** e **B H C Irpal** (à base de DDT-Lindane-DDT e Lindane-Isómero Gama, respectivamente) — Contra o Escaravelho da Batateira, Insectos da Vinha, Insectos das Hortas e Pomares, etc.

Clor-Pal (à base de Clordane) — Contra a Formiga Argentina, parasitas das Hortas e Pomares, parasitas dos Animais e das Habitações.

Cobre Irpal e **Cuprion** — Contra o Mildio e outras doenças criptogâmicas das Vinhas, Batatais, etc.

Enxofre Molhável Irpal — Contra o Oídio e Acarioses das Vinhas, Oídio das Plantas Hortícolas e Ornamentais e Oídio e Pedrado dos Pomares.

Cuprifer — Desinfectante de sementes a seco e excitador da germinação

E. B. 25 (emulsão base) — Contra Moscas, Mosquitos, Traças, etc.

X L 55 Irpal — Contra Carraças e Ronha das ovelhas, etc.

Lin-Tal-Clor (à base de DDT, Lindane e Clordane) — Contra todos os Insectos das Habitações.

Afitox — No combate aos Afídeos (Piolho das Plantas), Melas, etc.

Larvan — Na luta anti-sezonática e no combate ao Chirónemo (Lagarta da raiz do arroz).

Acridion — Para desinfectação dos Celeiros, Estábulos, etc.

Acridion de Inverno (emulsão de óleo antracénico) — Tratamentos de Inverno de Pomares, Vinhas, etc.

Olidion de Verão e **Olidion de Inverno** — Contra Cochonilhas, Fumaginas, Icéria, etc.

Ervatox (Erbicida), **Abonor** (Estercolizador), **Cresilion** (Desinfectante de uso geral), **Cuproxil** e **Carbolínio** (Conservadores de madeiras), **A-Mur** (Raticida bio-químico), etc.

IRPAL É MARCA DE QUALIDADE

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 31167/31168

ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália
adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZenal DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

LUÍS GAMA

Engenheiro Civil de Obras Públicas e Minas (U. P.)

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 - PORTO

Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS - PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º - PORTO

SUMÁRIO

I Congresso Nacional da Lavoura	801
I Congresso Nacional da Lavoura - Alguns esclarecimentos à organização e objectivos do Congresso	802
As adegas cooperativas de Amaranthe e Marco de Canaveses iniciaram o funcionamento.	804
A arborização, as indústrias florestais e o futuro do País - prof. C. M. Baeta Neves	808
Calendário do Lavrador.	811
Silvicultura - prof. António Manuel de Azevedo Gomes	814
O aprovisionamento artificial das abelhas - eng. agrónomo Vasco Correia Paizão	816
Calendário apícola	818
Plantas medicinais, aromáticas e óleos essenciais - Herbert Pinto	819
A mecanização das vinhas - reg. agrícola José Farinha	821
Apontamentos acerca de óleos como insecticidas - eng. agrón. J. J. Edward Clodo.	825
A palha deslinhificada, alimento do gado	826
Avicultura - abandonada fonte de riqueza	828
Caça e pesca - Carta aberta ao Ex.º Sr. Director-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas - Almeida Coquet	829
Secção Feminina.	831
SERVIÇO DE CONSULTAS	
- Fruticultura	835
- Viticultura	835
- Patologia vegetal	834
- Avicultura	834
- Direito rural	835
Informações	837
Intermediário dos lavradores	840

A NOSSA CAPA

Os Serviços Oficiais desenvolvem hoje, no progresso e no aperfeiçoamento da Agricultura, uma acção utilíssima, sob todos os aspectos.

A gravura da capa exemplifica o asserto, mostrando-nos dois trabalhadores rurais a proceder à embalagem de citrinos, com torrão, na Estação de Fruticultura de Setúbal.

(Fotografia Artur Pastor, amavelmente cedida pelo Arquivo da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas).

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) - mais,	50 %

Visado pela Comissão de Censura

I Congresso Nacional da Lavoura

VÃO já decorridos alguns anos, dissemos nestas páginas que os Congressos, muito ao contrário do que alguns, ou muitos, supõem, são sempre reuniões de incontestável utilidade, das quais resulta muita, ou, pelo menos, alguma coisa de útil para a colectividade. É certo que, frequentemente, o considerado de diminuta ou mesmo nula importância, quando olhado com mais e melhor atenção, se vê que a tem e, não raro, grande.

Desde longe, bastante longe mesmo, que formamos de tais reuniões o juízo que acabamos de apontar, juízo que nos tem levado, com frequência, a chamar a atenção dos lavradores e de quantos se interessam pela causa agrícola, para a necessidade premente da realização de um congresso, ou congressos, onde seriam estudados e discutidos, nos seus variados aspectos, os muitos problemas ligados com a nossa actividade rural, que, indiscutivelmente, na já longa hora que passa, atravessa uma vida de esgotantes incertezas.

E "se em todos os tempos, - dizia-se nestas páginas, vão passados quase três anos - dos congressos resultaram benefícios quer para a lavoura quer para a colectividade, eles constituem hoje necessidade imperiosa: permitirão que melhor se estudem e discutam os problemas que a afligem e com que se debate; se apreciem os tradicionais processos, por nós empregados no cultivo da terra e se estabeleçam os mais apropriados, que a técnica actual aconselha. Por outras palavras: tais reuniões - os congressos - concorrerão, sempre e largamente, para tornar a indústria agrícola mais rendosa."

Os anos foram passando, uns após outros, sem que chegasse notícia de, ao menos, se antever a possibilidade de levar a efeito um Congresso da Lavoura. Mas, e repetindo o que ainda há bem pouco dissemos nestas páginas, graças aos esforços e tenacidade da *Corporação da Lavoura*, vai realizar-se dentro de poucos meses o I Congresso Nacional da Lavoura.

Estas velhas páginas que, sempre, sem um só momento de desânimo, têm lutado, até ao limite das suas possibilidades, pelo progresso e engrandecimento do nosso agro, apresentam àquele organismo, a *Corporação da Lavoura*, o melhor aplauso e o mais vivo desejo de pleno êxito para o projectado Congresso, êxito de que não duvidam.



I CONGRESSO NACIONAL DA LAVOURA

Alguns esclarecimentos à organização e objectivos do congresso

Estas páginas, já velhas de muitas dezenas de anos, sempre têm demonstrado o mais vivo interesse pelos Congressos Agrícolas e, dentro da sua esfera de acção, insistentemente pugnado pela realização frequente dessas reuniões de lavradores, das quais resultam sempre benefícios para a colectividade. Foi, portanto, com viva satisfação que, em recente número, escrevemos estas palavras: « Por iniciativa louvável da Corporação da Lavoura — louvável sob todos os aspectos — vai realizar-se, no próximo ano, um Congresso Agrícola ».

Seguindo a orientação marcada desde sempre, estas páginas estão inteiramente ao dispor da entidade organizadora do I Congresso Nacional da Lavoura. Deixando para próximo número o Regulamento Geral deste Congresso, publicamos a seguir alguns esclarecimentos à organização e objectivos do Congresso, esclarecimentos subscritos pelo eng. agrónomo António Pereira Caldas de Almeida, presidente da Corporação da Lavoura e da Comissão Executiva do I Congresso Nacional da Lavoura.

A Corporação da Lavoura, dentro das competências que lhe confere o seu Regimento, promoverá o « I Congresso Nacional da Lavoura » a realizar em Lisboa em Junho de 1961, em data a designar.

Vai, deste modo, ao encontro das aspirações da Lavoura expressas no voto unânime emitido pelo Conselho da Corporação na sua reunião de 19 de Junho de 1959, e das da imprensa especializada agrária que desde há muito vem pugnando por esta realização.

Poderá parecer estranho, a alguns, a denominação de « I Congresso Nacional da Lavoura », visto em diversas épocas se terem efectuado Congressos Agrícolas de maior ou menor projecção e, não há ainda muitos anos, o de Ciências Agrárias.

Entretanto, ela é perfeitamente legítima,

visto que, de facto, pela primeira vez em Portugal se realizará um Congresso integral da Lavoura.

No prosseguimento da estrutura da Corporação, pretende-se reunir em trabalho de conjunto, de íntima cooperação, todas as Associações de índole agrária do País, tanto Corporativas (Federações dos Grémios da Lavoura, dos Trigos, dos Vinicultores e das Casas do Povo e respectivamente os Grémios e Casas do Povo que as constituem), como Associações Cooperativas das diversas actividades; Associações de Mutualidade; Associações de Regantes; a Centenária Associação Central da Agricultura Portuguesa, num total superior a 1 100 Organismos representados por mais de 17 000 indivíduos que constituem, por eleição ou direito estatutário, os Conselhos Gerais, Conselhos de Direcção, Assembleias Gerais,

Conselhos Fiscais e Direcções, além dos Procuradores à Câmara Corporativa, representantes nos Organismos de Coordenação Económica e nos diversos Serviços coordenados pelo Estado, os Directores da Imprensa Agrária e ainda aquelas individualidades de reconhecido mérito que, não estando incluídas nestas representações, forem convidadas a fazer parte do Congresso.

Estamos, portanto, em presença de um Congresso de todos os lavradores da Nação na sua legítima representação, no qual se lhes dá a oportunidade de exporem os problemas básicos da Lavoura, tanto no campo económico como no social, relegando, em princípio, para outros Congressos e para outros congressistas, cuja competência não se pretende substituir, os problemas de técnica agrária.

Propõe-se a Lavoura Nacional, construtivamente e com elevação, esclarecer as suas aspirações, demonstrar as suas ansiedades e possíveis injustiças de que se julga vítima e sugerir, em conclusões, ao Governo da Nação, dentro da sua visão dos factos, medidas atinentes a um revigoração da sua economia, de modo a acompanhar a evolução económica das restantes actividades e serviços, colaborando, assim, na resolução dos seus problemas económicos e sociais cuja urgência não necessita demonstrar-se, tão evidente ela se apresenta.

Na Comissão Executiva do Congresso, a que preside o presidente da Corporação da Lavoura, na orientação básica de uma Unidade Nacional Agrícola, foi dada representação integral a todas as associações agrícolas de qualquer índole e ainda à imprensa agrária especializada, como se comprova com as seguintes representações:

Da Corporação da Lavoura:

Dos Organismos Corporativos Federativos de actividades indiferenciadas de ordem Provincial ou Distrital (Federações de Grémios da Lavoura e das Casas de Povo);

Dos Organismos Federativos de actividades diferenciadas (Vinicultores do Douro e Dão, Moscatel de Setúbal, Buce-

las, Carcavelos e Federação dos Produtores de Trigo) e ainda o Grémio dos Produtores de Frutas de Vila Franca de Xira-

Das Associações Cooperativas, de Mutualidade e de Regantes, e por cada actividade diferenciada, escolhidos os seus representantes por eleição entre os interessados das diversas actividades;

Da Associação Central da Agricultura Portuguesa;

Dos representantes da Imprensa Agrária, sendo um da particular e outro da Corporativa e Cooperativa escolhidos por eleição entre os interessados.

Ainda que, livremente, se dê oportunidade aos Congressistas de apresentarem teses e comunicações sobre assuntos indiscriminados que possam ser incluídos nas secções ou sub-secções do Congresso, pretende-se, dentro dum espírito de ordenação, que obrigatoriamente se apreciem diversos aspectos básicos dos problemas mais instantes da Lavoura.

Para tal, a Comissão Executiva estudará e deliberará nesse sentido, designando os assuntos e escolhendo relatores.

A par da Comissão Executiva e das suas sub-comissões que forem organizadas para a melhor divisão dos trabalhos, existirão a Comissão de Propaganda e o Secretariado-Geral e, ao Secretário-Geral, competem as atribuições do art. 9.º do Regulamento do Congresso.

Como credencial se faz referência de que, por escolha da Direcção da Corporação, foi designado para tal cargo, João de Figueiredo Cabral de Mascarenhas, vogal da Direcção e presidente da Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Alta.

* * *

São estes os principais esclarecimentos que se julga oportuno desde já fazer conhecer para melhor compreensão do Regulamento Geral.

Do programa definitivo somente como aspiração se poderão dar algumas sugestões, visto a sua elaboração ser da competência das Comissões Executiva e de Propaganda.

Entre outras haverá a pretensão de

(Conclui na pág. n.º 815)



Adega Cooperativa de Amarante — Cais de recepção da uva, vendo-se ainda as instalações do laboratório, secretaria e depósito de água

AS ADEGAS COOPERATIVAS

de Amarante e Marco de Canaveses iniciaram
o funcionamento

MAIS duas cooperativas de vinicultores da Região dos Vinhos Verdes iniciaram este ano a sua actividade: a de Amarante e a do Marco de Canaveses.

Integradas no «Plano de Propaganda e Fomento de Adegas Cooperativas da Região dos Vinhos Verdes», por sua vez fazendo hoje parte do «II Plano de Fomento», as duas novas unidades foram, no passado dia 24 de Setembro, visitadas pela imprensa diária e pela imprensa agrícola a convite do organismo vinícola regional — a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes — ao qual, pelo Go-

verno, foi entregue a execução do «Plano».

Tivemos assim a grata oportunidade de visitar, em plena azáfama, essas duas instalações e procuraremos dar da sua organização e instalações uma breve ideia aos nossos leitores.

Destaque-se desde já o perfeito aspecto cooperativo dessas sociedades. A administração, a organização interna, toda a sua vida social é da competência e responsabilidade dos seus órgãos directivos.

Criadas em plena colaboração dum grupo de produtores, que incessantemente

crece pela inscrição de novos associados, com os respectivos Grémios da Lavoura, receberam essas associações os habituais auxílios da Comissão de Viticultura, do Fundo de Fomento de Exportação e ainda da Junta de Colonização Interna, estes dois últimos por força do II Plano de Fomento.

A visita, minuciosa e bem ciceronada, deu, em seguida, aso a um agradável almoço realizado em Amaranté, durante o qual o presidente da Comissão de Viticultura esclareceu os presentes acerca do desenrolar da execução do «Plano», das dificuldades encontradas, mas também dos louros já colhidos.

Da visita ficou-nos uma gratíssima impressão naquele aspecto que, de momento, mais nos prendeu a atenção — o técnico — já que o económico-social só se patenteará com o decorrer do tempo e dependerá quase exclusivamente da compreensão da viticultura local e da dedicação e apoio que os associados dispensem à sua cooperativa.

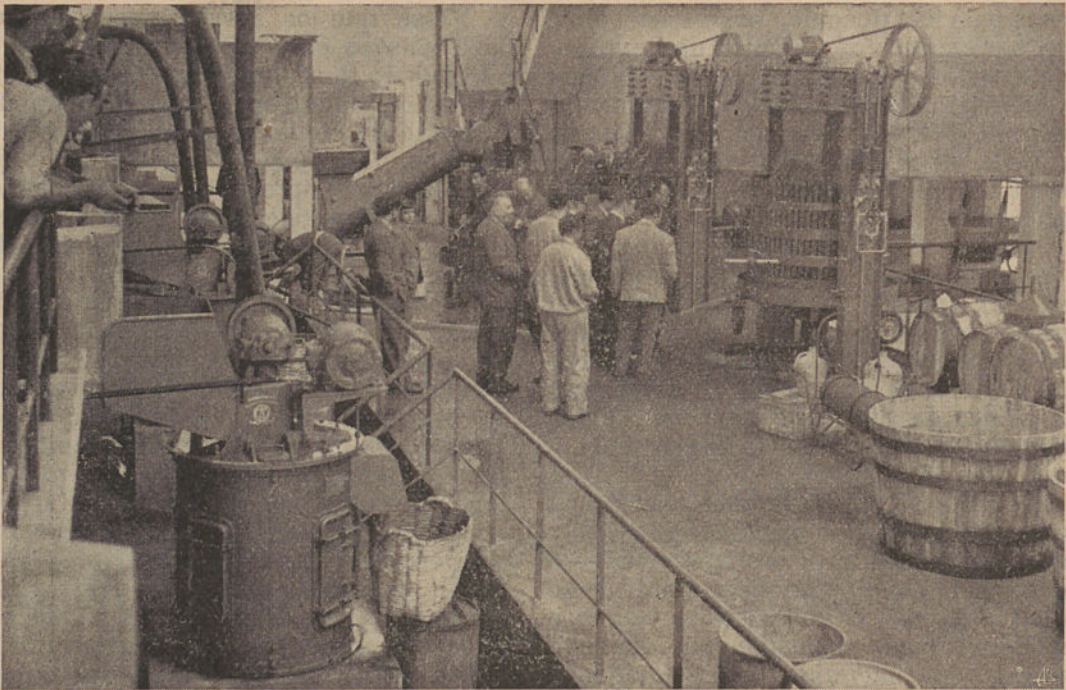
Vê-se que os serviços responsáveis da Comissão de Viticultura chegaram já à definição dum tipo concreto dos sectores de fermentação e conservação dos vinhos e de conservação e destilação de bagaços. As pequenas diferenças que esses sectores apresentam, de adega para adega, são praticamente apenas influenciados pela natureza e configuração dos terrenos.

Já o mesmo se não verifica no sector «recepção» da uva. Não se esqueça que as condições e características especiais da viticultura regional obrigam a soluções tão perfeitas quanto possível, o que trás, como corolário, não poderem ser extremamente simples como o são noutras regiões. Dai advêm desvantagens, mas também a par destas, incontestáveis benefícios para os associados.

As soluções adoptadas nestas duas unidades são diferentes. Enquanto na Cooperativa de Amarante a recepção da uva é feita em balança de prato-basculante, na do Marco de Canaveses, a balança é do tipo «rail», que pesa quando a

Adega Cooperativa do Marco de Canaveses — secção de esmagamento, esgotadores estáticos dos bagaços de uva branca, vendo-se em primeiro plano um esgotador helicoidal a 45°





Adega Cooperativa do Marco de Canaveses — vista da maquinaria de esmagamento, esgotamento e prensagem dos bagaços

carga se desloca numa das secções da viga, por onde corre o diferencial de elevação.

Constata-se, como dissemos e julgamos estar na verdade, ainda a preocupação de encontrar a melhor e mais económica solução.

Julgamos que, excepções feitas talvez de certos casos muito especiais, as soluções encontradas satisfazem plenamente e os «Serviços de Adeegas Cooperativas» da Comissão de Viticultura podem estar satisfeitos com o trabalho efectuado, pois com as instalações construídas podem tirar conclusões seguras para futuras realizações.

Destaque-se serem as balanças — quer a basculante de comando eléctrico, quer a de «rail» — de fabrico nacional, bem como a maioria da aparelhagem adoptada.

Nesta primeira fase de construção, as duas adegas têm cada uma delas, a capacidade de laboração da ordem das 1 200

pipas e em fases subsequentes poderão atingir as 3 600 pipas.

Além das instalações de recepção da uva, fermentação, armazenamento, fazem parte ainda delas os sectores de laboratório, secretaria e direcção, casa do adegueiro e as instalações de conservação de bagaços e destilaria.

Tal como nas restantes adegas cooperativas da Região dos Vinhos Verdes já construídas, a fermentação dos mostos é efectuada em cubas munidas dos dispositivos de autovinificação de Ducellier-Isman, com os respectivos refrigeradores.

O processo tem aprovado plenamente no fabrico dos vinhos regionais, tanto tintos como brancos. Aos primeiros garante uma extracção perfeita e completa da matéria corante da uva, originando vinhos de cor intensa que, mercê de não haver grandes oxidações, se conserva durante a vida do produto sem precipitar e sempre viva.

Nos brancos, é o domínio da temperatura de fermentação e também não

haver oxidações intempestivas, que permite o uso das mesmas cubas sem o perigo de se perder o aroma "a fruto" que caracteriza os Vinhos Verdes, apesar de serem avultados os volumes em fermentação.

Considera-se, de facto, que os resultados obtidos em cubas fermentando 20 a 30 pipas são idênticos aos obtidos em pequenas vasilhas de madeira, da ordem da pipa de capacidade, isto quanto à garantia de permanência do aroma.

Facto a registar é que, tanto nestas como nas outras três cooperativas dos Vinhos Verdes — Lousada, Braga e Felgueiras — as fermentações foram provocadas por leveduras seleccionadas e produzidas no Laboratório da Comissão de Viticultura.

São mais duas cooperativas por cujos progressos formulamos os melhores votos, no sentido de que venham a desmentir,

pelo seu labor profícuo, metódico, disciplinador e vantajoso, o apêdo de individualista com que constantemente se acima a nossa Lavoura.

Aos dirigentes e associados das novas cooperativas, à Comissão de Viticultura e Grémios da Lavoura dos dois concelhos apresentamos as nossas melhores felicitações pela obra realizada.

No momento em que estas linhas são publicadas o trabalho das adegas cooperativas da Região dos Vinhos Verdes, tal como, de resto, o de todas as cooperativas vinícolas das restantes regiões e zonas produtivas, salda-se por um êxito brilhante.

Deseja-se interpretar, e com desvanecimento o faremos, a receptividade e afluência de inscrições de novos associados como uma prova de compreensão das vantagens das cooperativas de produção.

Adega Cooperativa do Marco de Canaveses — cais de recepção da uva e torre do depósito da água



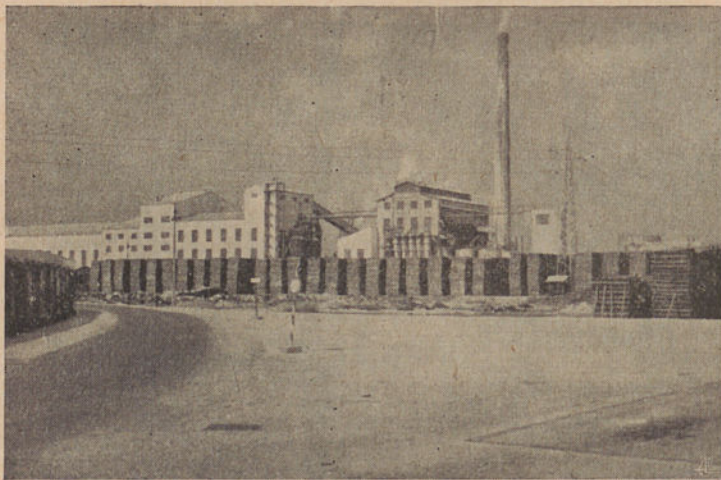
A arborização, as indústrias florestais e o futuro do País

PELO PROFESSOR
C. M. BAETA NEVES

POR tudo quanto me é possível observar e deduzir, julgo ser justo afirmar que não há ainda entre nós uma verdadeira noção das perspectivas nacionais da arborização dos baldios; e embora a obra de repovoamento

cínio e acção imediatos, para se poder ultrapassar as influências do passado e as realidades do presente.

Visitados, depois de vinte anos de ausência, alguns dos perímetros florestais do Norte, discutidos com os técnicos alguns dos seus problemas e apreciado o "II Plano de Fomento" no que diz respeito à Silvicultura e à Tecnologia Florestal, conclui-se que a decisão tomada de fazer vingar uma obra de uma tal envergadura no nosso País, a partir de uma justificação perfeitamente esclarecida e certa, não corresponde à coordenação indispensável de todos os sectores, oficiais e privados, cuja intervenção já hoje é solicitada, e de cuja actividade futura depende essencialmente o êxito da empresa.



Fábrica de pasta para papel (Cacia)

florestal se vá executando, graças à dedicação e competência dos engenheiros silvicultores a quem cabe tão grandiosa tarefa, sente-se que as grandes decisões que é preciso tomar nesta altura, para permitir o máximo rendimento futuro dessas perspectivas, estão ainda emperadas nas dificuldades que limitam o racio-

total e completa entre o fomento e o ensino, florestais neste caso, com a gravíssima consequência da falta de técnicos em número suficiente para que os planos do primeiro possam ser executados no ritmo e amplitude desejados.

Depois de se ter começado o ano lectivo de 1959-60 sem um único aluno

matriculado no 3.º ano completo do curso de engenheiro silvicultor, altura em que se diferencia da raiz comum com o curso de engenheiro agrónomo, só ao cabo de algum tempo, já iniciadas as aulas, quatro alunos de Agronomia pediram a transferência para a Silvicultura.

E no ano corrente, as informações que me foram dadas, embora ainda com as matriculas abertas, não são muito mais animadoras.

Mas se é incompreensível essa indiferença da população escolar liceal, e das famílias que a influenciam nas decisões a tomar na opção por um curso superior, mais incompreensível é ainda tal descoordenação, em consequência da qual se põe em risco a possibilidade de aproveitar, com o máximo rendimento e urgência, a rara e extraordinária oportunidade que se oferece à Engenharia Florestal e ao verdadeiro progresso da Nação, que desta depende essencialmente.

A desproporção entre o que se projectou nesse II Plano de Fomento, em relação a Silvicultura, e o que a seu propósito se legislou, impressiona qualquer na medida em que saiba e possa abranger no conjunto todas as interdependências actuais e futuras das consequências respectivas; é preciso preparar uma verdadeira revolução em muitos e variados sectores da vida nacional, para que da sua desejada e necessária transformação se possa tirar o máximo rendimento económico e o maior partido para a melhoria das condições de existência do povo português.

Portugal é hoje um País sem uma natureza económica bem definida, no sentido da origem das fontes de riqueza própria, embora a Agricultura e a Silvicultura desempenhem um papel preponderante, ao lado da Pesca, no seu conjunto; mas de futuro, quando a área arborizada atingir 40% da área total, a posição será bem outra, dominante como virá a ser a feição florestal da nossa economia.

E não chega a produção de matérias primas, em abundância e a preço aceitável, importa acima de tudo, em coordenação com as medidas a tomar para resolver os problemas conseguidos do "Éxodo Rural", que se montem, em condições de trabalho economicamente admissíveis, as indústrias florestais e outras que, directa ou indirectamente, aproveitem e valorizem essas matérias primas.

Os exemplos das fábricas de pasta de papel de Cacia e madeira aglomerada de Amarante, são bem evidentes quanto à importância dos problemas que se põem.

A mim aflige-me esta moleza de decisões, esta discrepância entre palavras e acções, esta desligação entre a teoria e a prática, e a rivalidade entre sectores afins ou interdependentes da vida nacional. Quando se apela para uma unidade geral a primeira coisa que me apetece responder é que se acabe de vez com o domínio dos interesses pessoais sobre os interesses nacionais, sem o que a Nação nunca poderá ser uma na sua vibração perante as ameaças externas,



Fábrica de madeira aglomerada (Amarante)

nem unânime na sua decisão inabalável de tirar todo o partido dos seus recursos para resolver, de facto e de vez, os principais problemas de que depende o seu progresso.

Quem tenha lido, por exemplo, o

artigo sobre a situação actual da fábrica de madeira aglomerada de Amarante, largamente divulgado pela Imprensa diária, não me poderá acusar, com imparcialidade, de estar deturpando realidades ou levantando falsos testemunhos.

Chegou a altura de apelar para todos aqueles que intervêm na vida económica da Nação para darem por esta tudo quanto legitimamente lhes deve ser exigido, mas com a isenção e desinteresse que o bem comum impõe, como se de mobilização geral se tratasse, para uma guerra sem tréguas, a levar até à vitória final, contra quanto se oponha à legítima satisfação das necessidades mínimas de um nível cristãmente digno de todos quantos a nacionalidade irmana num todo plurirracial e geográficamente disperso.

Em matéria florestal, onde a minha opinião pode ter alguma reconhecida autoridade, o que importa primeiro é rever tão rapidamente quanto possível a orientação técnica e social que tem sido seguida na arborização dos baldios e na assistência técnica ou particular, e retocar o que se afaste das ideias fundamentais, de ordem ética, de maior relevância para o futuro do País.

Como a arborização só por si tem interesse limitado, se não forem considerados os seus reflexos económicos, nomeadamente através da indústria, bem se compreende que seja fundamental estudar os problemas consequentes para que se obtenha o máximo benefício colectivo do desenvolvimento do último, como base que virá a ser da economia nacional.

E para tanto é indispensável considerar no pé da importância fundamental que possuem o ensino e a investigação florestais, sem o que não há obra de fomento de tal envergadura que possa ser executada, nomeadamente quando pelo seu vulto e transcendência implica a colaboração de grande número de técnicos especializados e o esclarecimento rigoroso de numerosos aspectos particulares de natureza local, técnicos que não foram preparados em quantidade suficiente, e estudos que não se realizaram na devida altura.

Mas ainda estamos a tempo de corri-

gir as consequências do atraso e de procurarmos recuperar o tempo perdido, assim sejam tomadas as medidas necessárias, com o realismo e entusiasmo indispensáveis; e não chega legislar, é fundamental fazer cumprir, ou, de preferência, levar todos os que sejam abrangidos pelas decisões tomadas a colaborarem espontaneamente na obra a realizar, num movimento geral de verdadeiro civismo.

Portugal tem de se preparar para vir a ser um País essencialmente florestal, agrícola e economicamente considerado, sem o que nunca mais se poderá alcançar, em nossos dias, a melhoria do nível de vida que se deseja, e com ela a satisfação geral das necessidades de todos quantos formam a Nação.

Perante esta realidade, atestada pela própria justificação do II Plano de Fomento e pelas características geográficas do País, parece que não pode ser considerado como exagero quanto disse e ambiciono; e nem sequer de precipitação será justo ser acusado, atrasados como já estamos em relação à melhor oportunidade das decisões a tomar.

Em matéria florestal tudo tem que ser previsto a tempo, lento como é o evoluir dos problemas próprios, nomeadamente quando presos ao desenvolvimento e à longevidade das árvores.

Transformar Portugal num país essencialmente florestal não é mais do que atender, com o maior acerto, à sua própria natureza, dominante como é tal feição nas suas características geográficas fundamentais.

Mas tal como ele se cobriria de floresta espontânea se fosse retirada toda a intervenção humana no desenvolvimento natural da sua cobertura vegetal, voltando à sua forma primitiva, embora com um interesse económico muito limitado, se o Estado se propõe a aproveitar tecnicamente essa tendência, para tirar dela o maior partido para o bem colectivo, arborizando artificialmente, então devem ser aproveitados da melhor forma todos os recursos oferecidos pela Engenharia Florestal para se obter o melhor rendimento de tão acertada como promissora orientação do fomento nacional.

Calendário do Lavrador

NOVEMBRO

Nos campos

O principal trabalho nos campos durante o mês que ora entra é o das lavouras, não apenas dos terrenos de pousio, mas ainda dos destinados às sementeiras de Primavera.

Estas lavouras, efectuadas agora, facilitam largamente os trabalhos de futuras sementeiras, visto que, então, o amanho da terra limitar-se-á a uma boa gradagem, passagem com o escarificador ou máquina que efectue trabalho semelhante ao daquelas.

Deve prestar-se a melhor atenção aos regos e valas de esgoto, tanto nos terrenos já semeados como naqueles que o tenham de ser na Primavera, porque a água estagnada é sempre prejudicial às terras.

A par disto, continuam-se as sementeiras de cereais de pragana, de ervilha e fava nos locais secos e quentes, e de forragens, como as ervilhacas, serradela, trevos vários, (branco, violeta, do Egitto, mais conhecido por bersim, e muitos outros a que nestas páginas se tem feito referência), além de outras forragens ainda.

Inicia-se, ou continua-se, neste mês, a colheita das beterrabas forraginosas, que podem conservar-se no campo, próximo da casa de lavoura ou estábulos, bem acamadas, em montes regulares, mais ou menos longos e da largura de 1 metro aproximadamente e 50 a 70 centímetros

de altura, montes que depois se cobrem inteiramente de terra, que deve ficar bem batida e apertada.

Nos vinhedos

Os trabalhos verdadeiramente próprios desta época, nos vinhedos, resumem-se à escava, à mergulhia, à plantação de novas videiras, ou barbados enxertados, onde seja possível e a terra se encontre bem repassada pelas chuvas. E já que se fala em chuvas, volta a fazer-se referência à escava, que permite reter as águas e ainda as folhas de vide que, assim, se aproveitam para fertilizar o terreno.

Relembra-se também a abertura de valeiras, para aplicar mato, juntamente com cal ou gesso, nas vinhas que se considerem cansadas. E ainda: as adubações que são sempre necessárias, e compensadoras quando criteriosamente estabelecidas; a limpeza das covas da videira, que servem de abrigo a vários inimigos da planta, sobretudo cochonilhas e pragas similares.

Em alguns locais mais quentes e onde seja hábito fazer culturas associadas à da vinha, podem iniciar-se, já neste mês, as podas.

Nos pomares

Desnecessário será lembrar a necessidade imperiosa de cuidarmos dos nossos pomares, de forma a colhermos boa

fruta, como se impõe. É certo que há já, de Norte a Sul, novos pomares que são cuidados, tendo em conta as boas regras; mas há outros, muitos outros, em que tal não sucede.

E é necessário, imperioso, que cuide-mos do pomar, que pode ou antes, melhor dizendo, deve constituir uma das maiores fontes de riqueza da nossa actividade rural.

Lembre-mo-nos de que na casca dos troncos e ramos das fruteiras se abrigam, escondem, para passar a estação fria, insectos, vários germes causadores de doenças que flagelam a planta. Por isto é prática aconselhável, que não deve esquecer, a raspagem dos troncos.

Esta operação deve fazer-se com cuidado e com raspadores apropriados de que se encontram no mercado vários tipos, a preços acessíveis. À volta do tronco da fruteira devem colocar-se sacos ou panais, onde caíam os detritos da limpeza, que depois devem ser destruídos pelo fogo.

Após a raspagem, os troncos e ramos grossos das fruteiras devem ser limpos com a vulgar escova de arame. Com esta operação defende-se melhor a árvore, pois se completa o trabalho feito com o raspador.

Completada a raspagem e limpeza com a escova, os troncos e ramos devem ser caiados com leite de cal espesso, calda cúprica ou calda ferro-cálcica ou ainda com caldas sulfo-cálcicas próprias para tratamentos de Inverno. E passemos a outros trabalhos.

Prossegue-se na plantação de fruteiras conforme indicamos no último Calendário referente a Outubro e abrem-se covas para as plantações a fazer no fim do Inverno. Esta antecipação que, na generalidade, não é observada, tem incontestável vantagem, que aqui temos referido mais do que uma vez.

Continuam-se as podas, que já devem ter-se iniciado em Outubro, das fruteiras de caroço — amendoeirias, ameixeiras, damasqueiros e pessegueiros. E para finalizar novamente se insiste na fertilização do pomar, empregando-se adubações adequadas.

Nos olivais

Chama-se a atenção para o que foi apontado no Calendário referente a Outubro, pois muito do que ali se disse tem aplicação no mês corrente. E relembra-se:

Cava-se a terra dos viveiros. Cuida-se com atenção das árvores já plantadas.

Abrem-se covas para a plantação de oliveiras no próximo ano.

Prepara-se a utensilagem necessária para a colheita do fruto, que já pode ter-se iniciado em um ou outro ponto. Como é hábito em algumas regiões.

Nas hortas

Os trabalhos, na horta, durante este mês são, por assim dizer, a continuação dos iniciados em Outubro.

O lavrador que prima em cuidar bem da sua horta, tratará, neste mês, de escavar e estrumar os talhões livres, preparar abrigos contra as geadas e fazer sementeiras e plantações para o Inverno. Estas e aquelas foram indicadas para as diferentes regiões do País, nos mapas oportunamente publicados e a que temos feito referência.

Foram publicados esses mapas em os números 2418 (pág. 179) e 2420 (pág. 252 e 253), respectivamente de 1 de Março e 1 de Abril passados.

Algumas plantas mais melindrosas necessitam, frequentemente, ser abrigadas neste período. Recorre-se para este fim, ao simples colmo, a esteiras ou a campânulas, não de vidro como era de uso, mas de materiais plásticos, de que há grande variedade a preços acessíveis e que apresentam a vantagem de serem inquebráveis.

Em algumas regiões ainda pode fazer-se a plantação de morangueiros e espargos; e ainda a de bolbos de cebola, destinados a darem semente em Julho ou Agosto do próximo ano. Claro é que, para este fim devem escolher-se bolbos perfeitos e de boas qualidades.

Nos jardins

Neste período, desnudam-se as árvores e arbustos de folha caduca; apanham-se as folhas, que se aproveitam para fazer terços, elemento quase indispensável no jardim.

Há ainda outros *pequenos* casos a que o bom jardineiro tem de atender e que, não raro esquecem. Por exemplo, defender as plantas vivazes, especialmente quando novas e pouco resistentes, dos embates do vento, amiúde violento em certas regiões e em locais pouco abrigados.

Todos sabem o remédio para evitar, pelo menos em parte, aqueles inconvenientes, remédio que se resume em estacá-las.

Nas matas

Nas matas e nos matos, os trabalhos a pôr em prática neste período são os mesmos indicados para Outubro.

Se todos ou alguns foram iniciados, prosseguem-se; se não houve tempo para lhes prestar atenção, dá-se-lhes agora princípio e apressam-se para ganhar-se o tempo perdido.

Nos lagares e adegas

Já deve ter concluído a faina da vinificação; só em casos muito especiais ainda estará em laboração, aqui ou além, um ou outro lagar.

Mas disto não pode ou deve deduzir-se que tenham desaparecido, ou amainado, os cuidados do adegueiro; podem considerar-se até maiores, para evitar-se que vinhos que saíram bons do lagar vão perder-se depois de envasilhados. Não vamos aqui repetir o que sobre o assunto se tem escrito, nem isso seria possível por o não permitir o espaço destinado a este Calendário. Os esquecidos poderão facilmente refrescar a memória, como costuma dizer-se, relendo o que, com larga frequência se tem aconselhado nestas páginas.

I Congresso Nacional da Lavoura

(Conclusão da pág. n.º 803)

dar ao Congresso a maior projecção, para bem se patentear a grandeza do valor económico social da Nação Agrícola e, para tal, se encontrarão fórmulas para se afirmar que toda a Lavoura Nacional corre para o seu êxito.

A par das reuniões das secções poderão organizar-se demonstrações públicas das actividades agrícolas nacionais, que a grande maioria do público urbano desconhece.

A Direcção da Corporação da Lavoura interpretando o mandato que lhe foi conferido, espera de todos os Organismos e Associações e de todos que no Congresso por direito próprio representativo ou a convite nele venham a participar, a melhor colaboração, o melhor sentido de unidade e cooperação que se impõe a toda a família agrária, se pretende demonstrar uma força que só a sua desunião tem diminuído como bem diz a voz autorizada de Vieira Natividade:

«Se me perguntassem qual tem sido o mal maior da nossa agricultura, confesso que de boa mente fecharia os olhos e saltaria por cima da adversidade dos factores naturais, e todos nós sabemos o tributo que lhe pagamos; não me deteria nos defeitos de estrutura fundiária; deixaria de lado a escassa capacidade profissional de tantos que cultivam a terra e o desapetrechamento financeiro, técnico e científico de boa parte dos agricultores; a tudo isto, pois, fecharia os olhos para apontar o que é, a meu ver, o maior de todos os males: a falta de união e de cooperação no seio da própria Lavoura. Daí a sua debilidade como força económica e como força política capaz de impor-se ao respeito e à consideração dos governos».

O Presidente da Corporação da Lavoura
e da Comissão Executiva do I Congresso
Nacional da Lavoura

António Pereira Caldas de Almeida

SILVICULTURA

pelo Professor ANTÔNIO MANUEL DE AZEVEDO GOMES

No artigo anterior chamou-se a atenção do leitor destas noções gerais e preliminares de silvicultura para o chamado *clima do povoamento*, para aquela gama de situações climáticas que se observam das copas mais sobrelevadas ao solo, uma das características mais interessantes dos maciços florestais.

As implicações práticas que advêm dos estudos desenvolvidos neste campo são inúmeras e de grande poder informativo, de acentuado valor cultural. Sendo o clima uma das facetas mais marcantes da estação, do meio produtivo em que vive a mata, a sua análise torna-se indispensável ao silvicultor empenhado em nele intervir com sucesso. A forma como compõe os maciços e os estrutura, em conexão íntima com a técnica que informa os cortes culturais e os de regeneração, tem sobre o próprio clima da mata marcada influência. E por isso é necessário ao silvicultor conhecer as interações que se estabelecem entre a sua intervenção e o clima do povoamento, conduzido com o propósito declarado de se ajustar a determinada finalidade.

A título de curiosidade, de exemplificação, com o intuito de despertar no leitor o interesse por estes assuntos base da cultura florestal, informadores de toda a actividade consciente, vou apresentar algumas questões singelas sobre o clima do povoamento.

Para começar, vamos analisar a selecção operada por um povoamento regular adulto no que se refere a alguns dos elementos climáticos essenciais que o atingem com as características impressas pelo macroclima da região. O que se passa com esses factores, com a radiação, com a temperatura, com a humidade, com a precipitação, com o vento, a medida que penetram e atravessam o andar das copas, a zona dos troncos, o domínio da manta viva?

É acentuadíssima, em povoamentos

normais e adultos de espécies de folha permanente ou de folha caduca, se em plena foliação, a redução que a intensidade da radiação sofre do nível superior das copas das árvores dominantes *versus* solo. Para que se tenha uma ideia relativa do fenómeno vamos-nos reportar a dois exemplos susceptíveis, pela data e pela localização, de confronto: o caso de uma pastagem na base da *Dactylis glomerata* com um metro de altura e o caso de um povoamento (120-150 anos) misto de faia rubra e de picea (infelizmente faltam-nos exemplos indígenas), vegetando numa vertente com exposição sudoeste e com o nível superior das copas a trinta metros do solo.

No que à pastagem se refere, a radiação penetra até meio metro sem suportar uma sensível redução, embora a partir daí se assista a um acentuado decréscimo como resultado da maior densidade do coberto: a 10 cm do solo apenas chega 25% da radiação total, percentagem que ao nível deste se reduz a vinte. E o exemplo do povoamento de faia e de picea o que nos traduz? No espaço das copas, desenvolvidas fundamentalmente entre os vinte e os trinta metros, fica retida de 80 a 93% da radiação total incidente sobre o copado das árvores dominantes, chegando ao solo florestal uma percentagem daquela radiação inferior a 5, contra os 20 medidos no caso da pastagem. Nos dias enevoados a redução é menos sensível como se compreende, em razão da natureza difusa da iluminação.

Os valores absolutos do fenómeno dependem, por certo, das espécies, das estruturas, da idade, das técnicas culturais (em particular da derrama e da densidade dos desbastes). Há espécies que constituem cobertos muito densos e outras que os formam mais ou menos claros.

Quem atravessou povoamentos de carvalhos colheu por certo uma sensação de ensombramento completamente distinta

da que deixa impressa, por exemplo, o coberto do pinheiro do Alepo. As caducifólias comportam-se em matéria do clima do povoamento que constituem com uma dualidade cíclica desconhecida das perenifólias, embora algumas delas, quando em plena folhagem, possam equiparar-se às espécies de folha persistente caracterizadas por formarem os mais densos cobertos. Os números inscritos no quadro seguinte servem a concretizar as ideias anteriores:

Gênero ou espécie	Iluminação do solo florestal em % da radiação incidente exterior	
	Sem folha	Com folha
Faia rubra	26-66	2-40
Carvalho	43-69	3-35
Freixo	39-80	8-60
Abeto		2-20
Picea		4-40
Pinheiro silvestre		22-40

Para as resinosas apontadas neste quadro salta à vista a acentuada diferença entre os abetos e píceas e o pinheiro silvestre, incapaz, em consequência da conhecida morfologia da ramagem, de provocar grandes ensombramentos.

Está desde logo a compreender-se como pode a diferente composição dos povoamentos — e sobre ela o técnico é capaz de exercer e exerce decisiva influência, quer pela escolha das espécies, quer pela ajuda prestada a umas em desfavor das outras, aquando dos cortes culturais — traduzir-se em dissemelhanças climáticas. O quadro da coluna seguinte prova a afirmação.

Tais dados provam variações ao longo do ano muito menos acentuadas para os povoamentos com presença de resinosas perenifólias: 8 contra 4 para um povoamento puro de picea; 22 contra 4 para um outro em que a picea representa metade da ocupação arbórea; 51 contra 5 para um povoamento de caducifólias.

Em matéria de regeneração dos arvoredos, por exemplo, de certo que estes

números significam situações distintas, sabido como é que para o efeito se têm por necessários ao processo, embora com mero carácter geral, valores da ordem dos 30 o/o. Tudo depende, entretanto, das espécies em causa e o silvicultor que manuseia povoamentos mais ou menos regulares conduzidos em cortes sucessivos, sabe bem, de cada vez, que não é indiferente a densidade do coberto, a intensidade do trabalho do machado ou da serra na criação de espaços livres, sempre que visa a perpetuação dos maciços.

Sem dúvida que a idade dos povoamentos tem sobre este assunto decisiva influência, governando como governa a densidade dos troncos e das copas, quer na horizontal, quer na vertical (profundidade do andar da folhagem). A bibliografia da especialidade refere um exemplo em que, a uma percentagem média de 10 o/o da iluminação total chegada ao solo num povoamento de píceas com 17 anos, se opôs um valor de 30 a 35 o/o no caso de povoamentos com cerca de 120 anos. É também interessante anotar o facto comprovado de que às melhores classes de qualidade correspondem as maiores percentagens, consequência do

Época da medição	Iluminação em % da radiação incidente em campo descoberto		
	Resinosas (A)	Povoamento misto de Resinosas e Folhosas (B)	Povoamento misto de Folhosas caducifólias (C)
Antes do despertar da folhagem	8	22	51
Depois do despertar da folhagem	7	14	23
Após o amarelecimento da folha	4	4	5

(A) — pov. puro de picea; (B) — pov. misto: 55 o/o de picea, 36 o/o de faia, 9 o/o de outras folhosas caducifólias; (C) — pov. misto: 73 o/o de faia, 22 o/o de freixo, 5 o/o de outras folhosas.

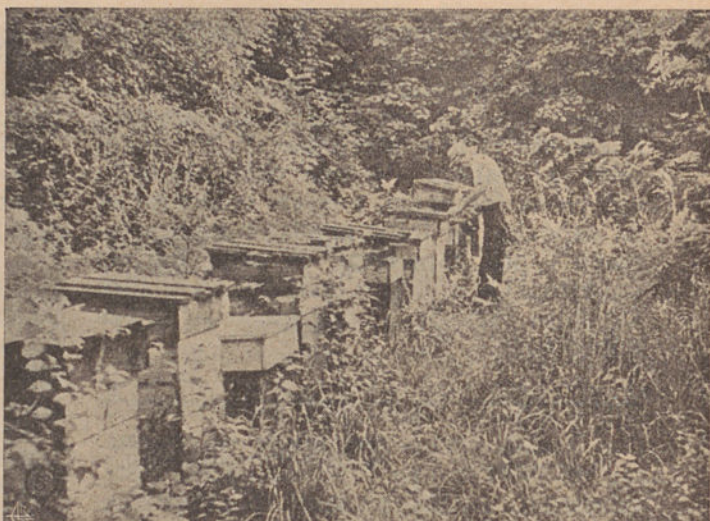
maior aprumo dos fustes e até da menor densidade dos mesmos, das copas mais bem conformadas e dos troncos mais limpos de ramos.

O APROVISIONAMENTO ARTIFICIAL DAS ABELHAS

I—GENERALIDADES

(Continuação do n.º 2432, pág. 743)

Pelo eng. agrón. VASCO C. PAIXÃO
Director do Posto C. de Fomento Apícola



3) — Razões menos frequentes do seu emprego

b) *Adstritas à sanidade das colmeias*

a) — *Tratar doenças*

De longa data a profilaxia e a terapêutica de certas doenças graves das abelhas se tem procurado fazer por intermédio de uma alimentação artificial de emergência.

Assim, por exemplo, lê-se em Eduardo Sequeira que, quando as abelhas estão invadidas pela loque, convém juntar um grama de ácido salicílico por litro de xarope, administrado em alimentadores próprios.

Paul Lemaire, por sua vez, recomenda que ao retirar-se o xarope do lume se lhe junte uma colher de café de vinagre e outro tanto da solução Hilbert, obtida fazendo dissolver 10 grs de ácido salicílico em 100 centímetros cúbicos de álcool a 90°.

O ácido salicílico, acrescenta, preserva as abelhas de certas doenças, em particular da loque.

É claro que veio a ser reconhecida, com o tempo, a inocuidade do fármaco para tão horrível malina e mesmo, ao contrário, segundo afirma Malagola, que tanto o salol, o betanaftol, como o ácido salicílico, não obstante dissolvidos no álcool, matam as abelhas, porque, quando são lançados no xarope, tornam a crista-

lizar, formando à superfície um véu visibilíssimo de sais concentrados.

O tratamento das loques, actualmente, faz-se só por meio de antibióticos, mas usa-se ainda o xarope como excipiente ou veículo do remédio.

O ácido fórmico, na dose de 2 a 3 por mil, o máximo, junta-se, às vezes, útilmente, à calda de açúcar, mas como simples desinfectante ou agente anti-fermentativo (Perret e Malagola).

Nos bebedouros também podem ser colocadas soluções medicamentosas para curarem doenças das abelhas.

β) — Substituir provisões insalubres ou deterioradas

Já dizia Langstroth que a qualidade da alimentação é factor importante para o êxito da hibernagem.

Provisões ruins, ingeridas durante uma prolongada clausura, ocasionam diarreia, mais cedo ou mais tarde, quer as abelhas hibernem ao ar livre, quer se guardem num sótão ou sejam enviadas a grandes distâncias.

O mel não evaporado, a melada, os sumos de frutas, recolhidos, às vezes, no Outono, quando escasseiam os néctares, constituem alimentos malsãos durante o Inverno.

Nas localidades, portanto, em que é corrente as abelhas permanecerem encerradas nas colmeias durante muitas semanas de rigorosa invernia, o apicultor deve

tirar-lhes todo o alimento mau, substituindo-o por uma quantidade suficiente de bom mel ou de simples xarope.

As substâncias extraídas dos favos, depois de fervidas, podem voltar a ser aproveitadas como alimento na Primavera, visto que só prejudicam as abelhas durante o período da sua forçada reclusão.

C. P. Dadante afirma, por isso, que a alimentação das abelhas no Outono, é necessária não só quando elas andam escassas de provisões, mas também quando as armazenadas são pouco saudáveis.

Lembraremos, por nossa parte, a necessidade que surge, em certas Primaveras, quase sempre após uma quadra particularmente invernosa e húmida, de se fazer a substituição dos favos contendo pólen bolorento, para evitar ou atenuar os efeitos do aparecimento, nas abelhas adultas, do chamado «mal de Maio», que, como se sabe, ocasiona avultadas baixas.

c) *Conexas com a psicologia das abelhas*

Distrair as abelhas ladras ou imperitentes

Em certo ano, diz Root, quando a pilhagem era muito prejudicial e desejávamos prosseguir com as nossas operações de criação de rainhas, as abelhas foram alimentadas durante várias semanas por meio de alimentadores colocados ao ar livre.

Este processo, acrescenta Alin Caillas, pode ainda prestar bons serviços quando, em período de escassez, se pretende efectuar, por exemplo, a cresta das colmeias; as abelhas, então, quer por se encontrarem ocupadas, quer por julgarem haver voltado a abundância, deixarão o apicultor trabalhar muito mais facilmente e sem receio das consequências que ocorreriam sem este expediente.

d) *Ligadas à produção e comércio de rainhas*

a) — *Criar rainhas de qualidade*

Em geral, as colmeias muito povoadas e activas, com três quadros de criação,

pelo menos, logo a partir de Março, não têm necessidade de ser estimuladas. Exceptuam-se, no entanto, as que se destinem à criação de rainhas de escolha (Jules Devauchelle).

Compreende-se, na verdade, o motivo da excepção preconizada; só famílias superalimentadas poderão criar larvas nas melhores condições físicas e se estas, depois, vierem a transformar-se em rainhas, terão todas as probabilidades de ser óptimas mestras sob o ponto de vista da capacidade de postura.

β) — *Antecipar o voo nupcial dos novos progenitores*

O princípio do método consiste em fazer sair das colmeias de criação as rainhas virgens e os machos escolhidos para realizarem a cópula, a uma hora do dia em que habitualmente os zangãos das outras colónias se encontram recolhidos.

O abade Guyot em França, Siebert na Alemanha e Helmberg no Canadá realizavam o objectivo em vista dando um xarope quente, de manhã muito cedo, durante um certo número de dias, às colmeias que continham as rainhas virgens e os machos seleccionados, conseguindo que os insectos, assim alimentados, adquirissem efectivamente o hábito de sair mais cedo, operando-se a fecundação, portanto, a uma hora a que os zangãos ainda não tinham saído.

γ) — *Introduzir rainhas em «enxames artificiais por agitação»*

Após 3 horas de excitação numa caixa de enxames, com pouco xarope ou apenas xarope fluído ao seu dispor, os insectos apresentam-se em estado de relativa fraqueza; se, nessa altura, receberem uma rainha estranha, aceitam-na primeiramente, mas, em breve, o cacho das abelhas dissolver-se-á e algumas obreiras, com os papos vazios, começarão a persegui-la, pondo a sua vida em sério risco.

É que, em tão largo período de excitação e orfandade, o xarope fluído gasta-se todo e, por esta simples razão, a mestra será inexoravelmente assassinada.

Se, porém, as abelhas estiverem reple-

tas de xarope espesso, constituído por 60% de açúcar, uma parte do mesmo terá sido consumida nas primeiras três horas, mas nunca deixará de existir algum e, assim, quando for introduzida a rainha, elas aceitarão sem se importarem com o respectivo cheiro ou idade, permanecendo satisfeitas no cacho formado à sua volta.

Ivar Hedberg considera indispensável, por isso, empanturrar os insectos com alimento concentrado, imitando o que eles fazem quando por si sós afillam, a fim de que a operação, neste caso particular, seja coroada de êxito (Gazeta das Aldeias n.º 2323, de 16/3/1956).

δ) — *Nutrir as abelhas-mães engaioladas durante a sua remessa a distância.*

Dizia Langstroth que o xarope espesso e o candi eram, sem contradição, os

melhores sucedâneos do mel para alimentar as abelhas, quando estas hão-de estar fechadas muito tempo e não têm ninhada para criar.

Todavia, para o envio de rainhas pelo correio ou pelo caminho de ferro, os apicultores usam nas gaiolas, como alimento, a pasta de mel e açúcar, substância já consagrada universalmente para esse fim.

Segundo Root, o produto denomina-se «candi Good», porque foi I. R. Good quem o introduziu nos Estados Unidos; no entanto, foi o alemão Scholtz quem primeiramente o fabricou, razão pela qual os europeus lhe chamam «candi Scholtz».

Diremos apenas, incidentalmente, que se trata de um falso candi, pois, o autêntico, tem características e modo de preparação muito diferentes dos correspondentes à simples pasta de mel e açúcar, acima referida.

(Continua)

CALENDÁRIO APÍCOLA

NOVEMBRO

A partir deste mês deve ser absoluto o repouso nos apiários.

É preciso verificar, no entanto, de vez em quando, se as colmeias se mantêm impermeáveis à água das chuvas, quando se encontrem directamente expostas ao tempo; sempre que se verifiquem infiltrações, devem colocar-se calços ou ripas sob os pés de traz das colmeias, por forma a conservarem-se os estrados, até ao início do bom tempo, com o declive que permita o fácil e rápido escoamento de todas as águas.

A alimentação artificial das colónias fracas continua igualmente a ministrar-se.

Aproveita-se esta época de moderação ou paralisação da actividade das abelhas

para se fazer uma vistoria geral a todos os utensílios apícolas, reparando-se os que estejam avariados.

Limpam-se os quadros com ceras velhas, que foram retirados dos ninhos ou das alças.

Põem-se em dia as fichas ou o livro de registos do apiário, coligindo cuidadosamente todos os apontamentos, porventura dispersos, que se foram tomando pelo ano adiante, acerca do comportamento e produção de cada colmeia.

Nos terrenos circundantes ao apiário abrem-se covas para a plantação de árvores ou arbustos de interesse para as abelhas.



Plantas medicinais, aromáticas e óleos essenciais

DAS últimas linhas da nota publicada no anterior número, inferia-se estarmos na disposição de publicar nestas páginas algumas notas sobre a cultura de plantas medicinais e aromáticas. Relembraríamos alguma coisa do que fora dito em tempo já bem distante, ampliando e actualizando o então escrito, quando necessário ou conveniente.

Continuamos na mesma disposição, mas não principiaremos hoje, pois nos parece útil ou, pelo menos, de certo interesse chamar a atenção do leitor para o que segue.

A Holanda, tal como a Itália, exporta para diversos países as plantas de que nos vimos ocupando, e em quantidade elevada. Como se cuida da cultura e sobretudo da exploração comercial destas plantas na Holanda? Vamos dizê-lo em curtas linhas.

A cultura das plantas medicinais e aromáticas na Holanda é conduzida de forma a obterem-se produtos de alta qualidade. Para atingir este objectivo, esclarece-se, ensina aos produtores todos os *segredos do ofício*, descobertos — passe o termo — em trabalhos de investigação científica, ensaiados depois em campos experimentais.

Além disto, cuja importância será ocioso encarecer, os Países Baixos, dispõem de quatro instalações de secagem, onde podem ser tratadas as plantas colhi-



Um aspecto de cultura da hortelã pimenta na Itália

das em 600 hectares. Nessas instalações empregam-se os processos mais modernos, seguidos igualmente em todas elas, o que permite obter um produto homogêneo, que depois é conservado em depósito central, onde há o maior cuidado em conservar constante a temperatura e humidade mais convenientes para evitar-se a alteração do produto.

Como exigências rigorosas impostas ao produto, podem apontar-se, entre outras: riqueza mínima em alcalóides e óleos, ausência absoluta de matérias estranhas e ausência quase absoluta de areias.

Seguindo estes processos, que muito resumidamente acabamos de expor, os holandeses conseguiram acreditar as suas plantas aromáticas que são exportadas para todo o mundo, mesmo para países onde se cultivam as plantas de que nos vimos ocupando.

Convém dizer que toda esta modelar organização teve por base a cooperação, cujo objectivo, parece-nos, ainda não foi atingido pelos que mourejam no agro, sobretudo no pequeno agro, onde ela — a cooperação — poderá levar maiores benefícios, ao — passe termo — cooperante. Mas não divaguemos.

Vejamos agora como se faz entre nós a cultura, colheita e comércio destas plantas.

A cultura quase não existe; a que se faz ou tem feito, aqui ou além, não passa de caso esporádico.

Embora tenham dado resultados animadores as experiências levadas a efeito em alguns pontos, pode dizer-se que entre nós se não cultivam as plantas aromáticas e medicinais. Algumas, que exportamos, nascem espontaneamente aqui ou além, do Minho ao Algarve.

Como se colhem e faz o seu comércio? Vai dizê-lo o senhor engenheiro agrônomo Francisco Maria Feio, na seguinte transcrição de alguns passos do artigo publicado no *Boletim da Junta Nacional das Frutas*, a que aludimos no anterior número.

O comércio das plantas aromáticas e medicinais é exercido principalmente pelos herbanários, drograrias e exportadores. Encarregam geralmente mulheres de colherem as plantas que mais interessam.

Conforme as regiões onde trabalham, estas mulheres são conhecidas por nomes particulares e por vezes pitorescos. Em certas localidades do Norte do país, como por exemplo à volta de Gondomar, chamam-lhes *carneiras*, de certo pela maneira como percorrem o terreno, caminhando curvadas. Em épocas convenientes andam pelos campos a apanhar tudo que tem compra, sem que os proprietários dos terrenos onde se encontram as plantas tenham qualquer lucro. Verdade se diga que eles próprios não dão qualquer importância ao facto, por desconhecerem o verdadeiro valor das plantas apanhadas, ficando até por vezes bastante gratos por haver quem apanhe ervas que eles consideram daninhas. Normalmente, o produto apanhado em condições de venda é pago por metade do preço de revênda.

Assim acontece com a raiz do lírio (*rizoma de Iris*) que é paga depois de despelada e seca, por 8, 10 e 12 escudos, para ser reven-

didá por 20 escudos o quilo. Outras vezes, intermediários dos importadores vão ter com os lavradores e pagam quantias ridículas pelo produto, como aconteceu com a cravagem do centeio que era comprada por 5 a 12 escudos o quilograma e chegou a atingir o valor de 100 a 120 escudos.

Evidentemente que esta colheita de plantas feita por pessoal sem a mínima preparação, pouco cuidadoso na escolha, e tendo quase sempre em mira apenas o lucro, não pode fornecer matérias primas devidamente seleccionadas.

Em Portugal, a exportação de plantas aromáticas e partes de plantas destinadas à perfumaria, apresenta nestes últimos anos alguns números interessantes, em parte devido a condições anormais criadas pela última guerra que impossibilitou o comércio aos países do Extremo Oriente, vendedores, desde há muitos anos, da grande maioria das plantas aromáticas. Seja como for, tal facto nem por isso deixa de mostrar as possibilidades que temos em exportar estas plantas e põe em evidência a sua procura.

A seguir aos períodos que acabamos de transcrever diremos que as plantas e partes de plantas espontâneas foram, em especial, alecrim, tomilho, orégão, raiz de lírio e folhas de loureiro, e que os valores da exportação, em contos, de 1940 a 1944, inclusive, foram respectivamente 191, 2551, 3350, 1072 e 1741. Nestes últimos anos, os valores da exportação, colhidos por nós na Estatística Agrícola, aumentaram sensivelmente, como se vê dos números que seguem, em que os valores são indicados em contos; são eles: 1953 — 2477; 1954 — 4565; 1955 — 5759; 1956 — 5805; 1958 — 5332.

Não se aponta o valor da exportação em 1957, porque não dispomos, no momento, da Estatística Agrícola, publicação oficial, como todos sabem relativa àquele ano (1957).

Comparando os valores da importação de 1956 e 1958, verifica-se que houve uma queda; mas comparando as quantidades exportadas naqueles dois anos — 5112 quilos em 1956 e 3830 em 1958 tem de admitir-se que o valor unitário aumentou.

Mas a conversa já ultrapassou o espaço concedido para falar da nossa exportação de simples; portanto, ponto final e até breve.

Herbert Pinto

A MECANIZAÇÃO DAS VINHAS

○ COMPASSO ENTRE AS LINHAS

Pelo regente agrícola JOSÉ FARINHA

II

NA mecanização das vinhas, um dos problemas que mais importa considerar é o compasso de linha a linha de videiras, pois sempre que seja excessivamente apertado — o que de modo geral se verifica em quase todas as vinhas que já tenham bastantes anos — a mecanização torna-se difícil em condições económicas vantajosas.

Na verdade, durante anos e anos não se tomou em linha de conta aquele pormenor, — o compasso; cada qual plantou de acordo com o que julgou melhor, mas presentemente o compasso entre as linhas reputa-se de capital importância para a economia vinícola. Neste capítulo é lamentável que ainda não se tenham tomado disposições oficiais de modo a não se permitir mais a repetição do erro, uma vez que grande número de proprietários ainda não se apercebeu dos inconvenientes que correm, bem como a economia do País, ao instalarem as novas vinhas, não tomando em linha de conta o respectivo compasso.

Se encontramos explicação para o que se passou em épocas recuadas, em que abundava a mão-de-obra, o total desconhecimento da próxima possibilidade de cavar, pulverizar, etc., mecânicamente as vinhas, servindo para tudo a mesma máquina, o mesmo já não sucede desde há cerca de uma dúzia de anos, em que a palavra mecanizar a vinha, a horta, a seara, passou a ser coisa corrente. Também não restam dúvidas a ninguém, que quantos mais anos passarem, mais se há-de impor a máquina, que, também para satisfação de todos, será cada vez mais perfeita na execução dos diversos trabalhos a que se destina.

Já tivemos oportunidade de dizer que dos vários tipos de trabalho a considerar na vinha, conta em especial a cava, a raspa, a empa, e os tratamentos

fitossanitários, aos quais se atribui um encargo total, que não anda muito longe de bastante mais de metade dos gastos totais da cultura.

Esta importância é na quase totalidade gasta em mão-de-obra, porque os referidos trabalhos se executam no período mais caro do ano, uma razão mais para que, por efeito da mecanização, se reduzam a um mínimo indispensável. De acordo portanto com uma orientação mecânica conveniente, um dos problemas mais a considerar é o compasso; e sempre que este esteja de acordo com a máquina a adquirir, as práticas atrás mencionadas não só se levam a efeito no momento mais oportuno, como se tornam consideravelmente mais simples, mais rápidas e mais económicas.

Não há a menor dúvida no que escrevemos; bastará termos presente que um só homem conduz perfeitamente a máquina, em qualquer das referidas práticas sem que por esse facto os encargos se tornem nitidamente sensíveis. Como facilmente se compreende, o seu rendimento, quer se trate de um Motocultivador, de um Sachador ou de um Rotavator — oportunamente falaremos de cada um — depende de muitos factores, fundamentalmente da natureza do terreno, sua disposição, isto é, planície ou encosta. Também o problema da pulverização se simplifica muito, bastando para tanto adquirir pulverizador que se possa combinar com o motocultivador, o que, além de simplificar esta prática, permite que seja mais perfeita e rápida.

Falando agora propriamente do compasso a seguir nas entrelinhas, tendo em vista a mecanização, podem considerar-se aceitáveis todos os que se situam acima de 1,50 cm (metro e meio) e que, passando pelas várias medidas intermédias

dias, vão até aos 2,50 cm (dois metros e meio).

No que respeita ao compasso na linha, embora pormenor de segunda importância na mecanização da vinha, de um modo geral está de acordo com a distância entre as linhas, riqueza do terreno, tipo de exploração, e, vamos lá, até com o caso especial de cada um, no que respeita a cuidados a ter com a vinha.

Se passarmos à análise dos vários tipos de compasso mais correntemente seguidos, quando se tem em vista a mecanização, facilmente se conclui que o mínimo mencionado é ainda muito apertado para que se possa realizar bom trabalho. Contudo, o mesmo aceita-se para as pequenas vinhas, onde estas figuram como complemento de outras culturas ou searas.

Existem para este fim pequenas máquinas que não só cavam e sacham a vinha, como permitem em condições económicas vantajosas a realização de outros trabalhos de horticultura, cultura que anda quase sempre associada à pequena vinha.

Os sachadores deste tipo, que em regra dispõem de quatro ou seis pequenas enxadas, são conduzidos por um homem e fazem na vinha o trabalho diário de cinco ou oito homens, ou mesmo mais, o que depende da natureza do terreno. Porque se trata de uma máquina relativamente pequena e de fácil manejo, até o espaço livre entre as videiras colocadas na linha, é, na quase totalidade, mobilizado, bastando para tanto um ligeiro movimento para a direita ou para a esquerda, à última passagem, por forma a mobilizar ou cavar o terreno entre aquelas.

O número de passagens do sachador pela linha, varia com o diâmetro do veio onde se instalam as enxadas, e o compasso entre as linhas; mas, mesmo que uma última passagem obrigue a máquina a apanhar já parte do terreno mobilizado na anterior, convém aproveitar ao máximo o seu trabalho, por forma a reduzir a um mínimo indispensável o trabalho manual, que aqui se deve limitar apenas ao terreno que se situa na linha das videiras, e nem todo, porque com as manobras para a direita e esquerda

já indicadas, se cava com a máquina algum daqueles.

Quando porém a cultura da vinha é já relativamente grande, aquele compasso não satisfaz; e não satisfaz porque o trabalho exigido obriga à aquisição de uma máquina mais potente, um dos vários tipos de motocultivadores que presentemente existem no mercado. Para este caso o compasso mínimo deve ser os dois metros de linha a linha, pois trabalhando-se já com máquinas de maior potência, com enxadas maiores e mais resistentes, com cabos de manobra mais desenvolvidos, bem como todo o conjunto da máquina, capazes de realizar trabalho, não só mais perfeito como mais rápido, impõe-se para estes casos um compasso mais largo.

Ainda dentro do grupo destes motocultivadores, isto é, que trabalham satisfatoriamente entre os 2 m e os 2,30 cm de compasso, existem vários tipos de pequenos tractores agrícolas, que em condições normais realizam bom trabalho; mas porque se trata de máquinas já relativamente caras, a sua aquisição só deve fazer-se se a área de cultura da vinha o justificar, salvo se para a mesma houver na herdade outras aplicações. Mas para além dos pequenos tractores, tipo motocultivadores, temos ainda os vulgares tractores de 25-30-35 e 40 C. V., aos quais se adapta um outro tipo de sachador, o Rotavator, máquina que trabalha independentemente do tractor, ao qual se faz o acoplamento por intermédio de um mecanismo especial.

Sem dúvida que um tractor e um Rotavator fazem trabalho perfeito mas, porque são máquinas relativamente caras, só tratando-se de vinhas de grande área ou dando-se-lhes outras aplicações é que se justifica a sua aquisição.

Como está bem de ver, embora o rodado se possa apertar, digamos assim, contudo, nestes casos o compasso entre as linhas nunca deve ser inferior a 2,50 cm, para fácil manobra das máquinas.

De tudo o que se disse, conclui-se que existe uma certa relação entre o tamanho da vinha e o compasso entre as linhas, uma vez que a área daquela condiciona de certo modo a máquina que devemos adquirir.

APONTAMENTOS ACERCA DE ÓLEOS COMO INSECTICIDAS

Pelo engenheiro agrônomo J. J. EDWARD CLODE

Introdução

Chama-se óleo a qualquer líquido mais ou menos gordo, geralmente inflamável e que se extrai de diversas substâncias.

Independentemente da sua origem, os óleos, desde que apresentem determinadas características químicas e físico-químicas, são de grande utilidade no combate a certas pragas agrícolas, nomeadamente — lecanínias (exs.: pulvinária, lapa da figueira), afídios (exs.: pulgão lanígero, piolhos verdes) e etc..

Para que a aplicação de um óleo seja eficiente é necessário ter-se acerca dele um certo número de conhecimentos, pois, além do mais, os óleos não são miscíveis na água e, em determinadas circunstâncias, apresentam uma elevada fitotoxicidade.

A fim de evitar confusões, procuraremos descrever com muita simplicidade esta matéria, que é em alguns trabalhos pouco clara e, em muitos outros, eivada de pormenores que só interessam aos especialistas no assunto.

Para comodidade de exposição dividiremos este assunto em quatro partes, de acordo com um critério de classificação de óleos, que nem sempre é adoptado pelos diversos autores (1); 1 — Petróleo e óleos dele derivados; 2 — Óleos de hulha; 3 — Óleos vegetais; 4 — Óleos de origem animal. (2)

1 — Petróleo e óleos dele derivados

(A sua aplicação como insecticidas remonta a 1877).

(1) Uma vez que a formação do petróleo é, hoje, atribuída à decomposição fermentativa da matéria orgânica, não encontramos lógica em englobar este produto e seus derivados no grupo dos óleos de origem mineral.

(2) Os compostos organo-nitrados, conhecidos por *óleos amarelos*, não são incluídos nesta relação, dadas as suas grandes diferenças sob o ponto de vista físico e químico.

O petróleo bruto, também dito cru, embora possa ser usado, e foi-o, como insecticida, está, hoje, completamente substituído pelos óleos dele derivados, pois que apresentam um grau de viscosidade superior e, por conseguinte, um maior poder de asfixia...

Os óleos de petróleo são constituídos por hidrocarbonetos saturados e hidrocarbonetos não saturados alifáticos (acíclicos) e aromáticos (cíclicos). Estes últimos hidrocarbonetos apresentam grande fitotoxicidade, mas por sua vez são os que têm maior poder insecticida.

Os diferentes tipos deste óleos — *querosene, ligeiro, semi-ligeiro, médio, semi-pesado e pesado* — dados pelo índice de destilação, embora permitam concluir algo sobre o valor insecticida, o que interessa sobre tudo são determinadas características físico-químicas (1), que passamos a descrever sumariamente:

a) *Índice de sulfonação* — é a percentagem de óleo atacada pelo ácido sulfúrico. (Em opposição, chama-se *resíduo insulfonável* à percentagem de óleo que não reage com aquele ácido).

Este índice dá ideia da maior ou menor quantidade de hidrocarbonetos não saturados que o óleo contém (facto da maior importância sob o ponto de vista da fitotoxicidade) e determina a época de aplicação. Assim, um óleo de inverno não deve ter mais de 30 % de hidrocarbonetos não saturados; para ser usado no verão não pode conter mais de 10 % e no caso dos citrinos as aplicações devem limitar-se aos óleos com menos de 5 % daqueles compostos químicos.

b) *Índice de viscosidade* — é um valor obtido através de um aparelho chamado viscosímetro e que nos indica se um óleo é mais ou menos viscoso.

(1) Apenas se apresentam duas que são as de maior importância.

Quanto maior for o índice de viscosidade mais fitotóxico é o óleo, mas também maior é o seu poder insecticida.

Os óleos de petróleo actuam sobre os insectos, matando-os, porque os isolam da atmosfera causando-lhes a asfixia. São por estes mesmos motivos ovicidas.

A toxicidade para o homem e animais domésticos é mínima, mas convém não esquecer que a inspiração dos seus vapores não trás qualquer beneficio.

A fitotoxicidade destes óleos é um factor de grande importância a considerar aquando das suas aplicações. Pela mesma razão que matam os insectos, também podem prejudicar seriamente os vegetais, pois, formando uma película sobre os tecidos, impedem as trocas gasosas através dos estomas. O conhecimento dos índices de sulfonação e de viscosidade permitem prever esta propriedade.

As doses máximas normais são para os respectivos óleos, no Inverno 3 a 5 o/o e na Primavera ou Verão 1,4 o/o. Formigas, pulgões, *Pseudococcus* spp e *Icerya* spp, podem ser combatidos com querosene nas doses de 1 o/o, 3 o/o, 5 o/o e 7 o/o, respectivamente. Os outros óleos, conforme as suas características, serão aplicados no Inverno ou no Verão e consideram-se muito mais eficientes que o querosene.

No comércio os óleos ditos "mineraiis de Inverno" têm geralmente um aspecto de creme e os óleos ditos "mineraiis de Verão" são, também, designados por *óleos brancos* (1) e têm um aspecto leitoso. Estes últimos são eficientes na destruição dos ovos de afídios, psylas, pulgão lanigero e do aranhaço vermelho.

2 — Óleos de hulha

(O seu emprego como insecticida data de 1920)

A destilação seca do carvão de hulha a temperatura superior a 1000° C. dá origem, entre outros produtos, ao alcatrão

(1) Os óleos brancos, quando se apresentam adicionados de um composto à base de dinitro-orto-cresol, designam-se, vulgarmente, por *óleos amarelos*.

da hulha. Por sua vez, a destilação fracionada desta substância permite obter os seguintes produtos; *óleo leve* (80° a 180°), *óleo médio* (180° a 280°), *óleo pesado* (280° a 300°) e *óleo de antraceno* (300°).

De todos estes óleos somente os dois últimos são empregados como insecticidas e, ainda assim, só depois de eliminados do maior número possível de compostos de reacção ácida (cresóis, fanóis, etc.) (1).

O modo de acção destes produtos sobre os insectos é provável que seja diferente do dos óleos de petróleo ou mesmo dos óleos vegetais. Uma vez que apresentam um grau de viscosidade baixo, a sua acção tóxica não deve atribuir-se à asfixia; por isso, a maioria dos autores considera que os factores determinantes da morte do insecto sejam a causticidade e o poder de impregnação. Admite-se, também, que são fotosensibilizadores, isto é, contêm diversos compostos fluorescentes, que fazem os insectos sensíveis à acção dos raios solares.

Para o homem e animais domésticos são estes os óleos mais perigosos, pois o seu contacto com a pele provoca dermatites e atribui-se-lhes efeitos cancerígenos.

Em relação à fitotoxicidade apresentam duas características muito importantes. Por um lado, devido à presença de fenóis e do seu poder de penetração, estes óleos fixam-se aos tecidos vivos do vegetal e provocam a morte das células (daqui resulta que as aplicações só devem ser feitas no Inverno e em plantas de folha caduca); por outro lado, têm efeitos acumulativos nas plantas — facto que leva a não aconselhar o seu uso mais de dois anos seguidos sobre as mesmas plantas (2).

No que refere ao combate de pragas, deve dizer-se que são ovicidas e

(1) O produto conhecido pelo nome de Carbolineum ou Carbolínio é uma mistura de 80 o/o de óleo de antraceno, isento de fenóis, com emulsio-nantes apropriados.

(2) Estas razões têm levado a uma substituição progressiva destes óleos pelos compostos dinitrados.

insectifugos e que destróem musgos e líquens. Têm acção eficaz contra as cochonilhas sem escudo, como os lecanínias (exs.: *Saissetia*, *Lecanium*, etc.) e os afídeos. Servem para destruir os ovos dos ácaros na pereira.

A dose normal de emprego (caso do carbolineum) é 8 a 10 o/o.

3— Óleos vegetais

(O azeite deve ter sido o primeiro de todos os tipos de óleos a ser usado como insecticida, pois desde há muitíssimos anos que os caçadores o utilizavam para destruir as carraças dos cães, cobrindo esses insectos com azeite).

Por diversas razões, entre elas a economia, os óleos vegetais são hoje muito raramente usados numa desinsectização. Muitos resinificam por acção dos raios solares e do ar atmosférico e, conforme apresentam em maior ou menor grau esta propriedade, assim se classificam: *óleos secativos* (exs.: ól. de linho, ól. de cânhamo, etc.), *semi-secativos* (exs.: ól. de colza, ól. de noz, etc.) e *não secativos* (exs.: ól. de oliveira, ól. de amendoim, ól. de algodão, etc.)⁽¹⁾.

O modo de acção destes óleos nos insectos é idêntico ao dos óleos de petróleo — matam por asfixia, porque o corpo do insecto fica coberto pelo líquido, impedindo as trocas gasosas.

Em relação ao homem e animais domésticos o seu perigo é mínimo.

A fitotoxicidade é muito elevada quando estes óleos resinificam (o que exclui, em sanidade vegetal, o emprego dos óleos secativos) e é, em geral, quando se apresentam «rançosos».

Os óleos vegetais dão bons resultados no combate a afídios e a cochonilhas (são também ovicidas) e a dose normal de aplicação é de 1 a 2 o/o — inferior aos óleos de petróleo, pois que têm uma maior viscosidade e uma volatilidade inferior. Apesar de tudo, as suas aplicações são menos económicas e nestas razões se

filia o facto de hoje não serem praticamente usados.

4— Óleos de origem animal

Sob o ponto de vista fitofarmacêutico os óleos de baleia e de foca são os mais importantes dentro deste grupo, mas também podem ser utilizados os de bacalhau, sardinha, arenque, etc..

Estes óleos não se usam por si sós como insecticidas, mas uma vez saponificados com um álcali. Duma forma geral os sabões assim formados classificam-se: a) *Sabões duros ou de sódio*, se o álcali usado for o hidróxido de sódio; b) *Sabões brandos ou de potássio*, se o álcali for o hidróxido de potássio.

Podem ser aplicados os sabões directamente e o modo de acção nos insectos é por asfixia acompanhada por uma acção corrosiva correspondente à libertação de ácidos gordos que por hidrólise se formam.

Fundamentalmente, foram muitos empregados como emulsionantes, mas, hoje, há uma gama imensa de produtos tênsio-activos, que os substituem com vantagem.

Óleos insecticidas no mercado português

Com a designação de emulsões oleosas, quando na generalidade dos casos são concentrados para emulsão, aparece no nosso mercado uma grande variedade de marcas. Consultando o «*Simposium Agro-Pecuário de 1960*» poderá tirar-se uma informação geral, embora por vezes um pouco desviada das normas científicas que seriam para desejar.

Anotemos esses produtos comerciais com as respectivas composições apresentadas⁽¹⁾:

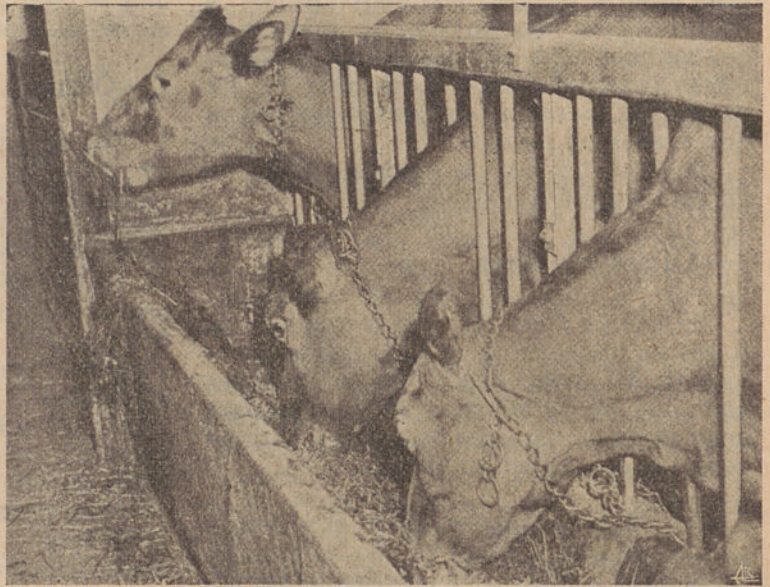
Albolineum
Arakol: — óleo branco
Armelo: —
Citronol: — óleo mineral branco
Cochonol: — óleo mineral

(Conclui na pág. 859)

⁽¹⁾ Na bibliografia portuguesa é frequente aparecerem as palavras sicativo e secante, em vez de secativo. Adoptamos esta última por nós parecer a mais lógica.

⁽¹⁾ Abstemo-nos de indicar aqui alguns números que informam sobre o índice de sulfonação, pois a este respeito parece haver uma grande confusão...

«A palha deslinhificada, alimento do gado»



Os animais comem, com manifesto prazer, as palhas lexiviadas

COM este mesmo título, a esplêndida revista espanhola, *El Cultivador Moderno*, em número recente — n.º 3, relativo a Março deste ano, insere um valioso artigo, assinado por Isidro Rogent, do qual nos permitimos reproduzir, em resumo, alguns passos, que certamente interessarão aos nossos leitores.

De início refere-se o autor às dificuldades com que se debate, ou debatia, o lavrador espanhol para alimentar convenientemente os seus gados, em regiões onde escasseiam certas forragens, mas abunda a palha de trigo. Para penso dos seus bovinos e equinos recorrem a esta palha, sabendo, no entanto, que é deminuto o seu valor nutritivo; no dizer de alguns criadores, tais palhas para pouco mais servem do que para entreter a fome dos animais.

Perante isto, estudaram-se e aperfeiçoaram-se meios e processos de tornar essas palhas em forragem mais nutritiva e de mais fácil digestão.

Em virtude dos estudos e ensaios levados a efeito deduziu-se que as palhas de trigo, convenientemente tratadas, podem equiparar-se ao feno das gramíneas ou leguminosas e tão bem aceites pelos ga-

dos como estes fenos. Os resultados obtidos valorizaram em larga escala as palhas dos trigos como forragem para bovinos e equinos e a tal ponto que animais não habituados a comê-la a aceitam tão bem como se fosse feno de outras espécies vegetais.

Depois do tratamento, diz ainda o autor, a palha tem melhor aspecto, é mais apetecível e de maior valor nutritivo; depois de efectuadas muitas análises e estudados os seus efeitos, a palha deslinhificada foi equiparada ao bom feno, quando antes do tratamento, apenas correspondia a uma quarta parte desse valor. E continuando, acentua:

O animal, não habituado a consumir palha, dificilmente a admite se, por escassez de alimento, é obrigado a aproveitá-la.

A quase repugnância que mostram pelas palhas de trigo os animais não acostumados a esta forragem, demonstra claramente o seu reduzido valor alimentar, origem, talvez, daquela repugnância.

Para evitar estes inconvenientes e, ao mesmo tempo, elevar o valor nutritivo daquela forragem, procurou-se o meio de deslinhificá-la, o que se conseguiu por meio de uma solução alcalina — 1,5 kg de soda cáustica para 100 litros de água — na qual se imerge a palha durante 24 horas.

Retirada a palha depois do período de emersão, é lavada em água, renovada por vezes, e por último deixada de molho durante algumas horas. Nesta última lavagem não é necessária a renovação da água.

A palha assim tratada — diz-se ainda no artigo que vimos seguindo — aumenta de peso e o seu valor nutritivo aumenta igualmente e na razão de 1 para 4 e pode comparar-se a qualquer forragem fenada, tanto pelo seu valor nutritivo como por resultar de fácil digestão.

Segundo análises feitas depois do tratamento, em 100 quilos de palha de trigo, o seu teor em amido eleva-se a 35 quilogramas, enquanto que, antes, esse teor não ia além de 11.

A palha, depois de tratada, pode conservar-se durante um mês sem qualquer receio de alteração.

Nestas poucas linhas procuramos trazer, tão fielmente quanto possível o que o ilustre colaborador de *El Cultivador Moderno* escreveu. Permitimo-nos, porém, juntar ao que fica, breves notas sobre este assunto, que indiscutivelmente nos interessa, e muito, porque, tal como em Espanha, dispomos, em determinadas regiões, de grandes quantidades de palha, para que não encontramos vantajosa aplicação. Grandes quantidades de palha, dizemos e vai ver-se que assim é:

Em 1943, o engenheiro agrónomo Mira Galvão, a propósito do quantitativo de palhas sobranes nas explorações agrícolas, referia-se da forma seguinte ao que se passava no distrito de Beja:

«Tomando como base uma produção de 150 milhões de quilogramas e o peso da palha em duas vezes o peso do grão, temos que só o distrito de Beja produz em média 300 mil toneladas de palha de trigo, sem contar com a dos outros cereais, aveia e cevada. Mesmo admitindo que se aproveite para a alimentação dos gados $\frac{2}{3}$ desta palha, mas estamos convencidos que se não aproveita tanta, temos que se desperdiçam anualmente; em média, 100 mil toneladas de palha».

Admitimos que algumas outras regiões onde predomina a cultura do trigo, como em Elvas, Évora, Santarém e Caldas, pro-

duzem, em conjunto, cereal em quantidade um pouco superior à de Beja. A nosso ver importa-nos, e muito, o aproveitamento tão completo quanto possível, dessas palhas, para alimento dos nossos gados, especialmente em regiões onde outras forragens, consideradas melhores, escasseiam.

O resumo do artigo com que abrimos estas notas, teve por principal objectivo chamar de novo a atenção dos nossos criadores de gados para o assunto, que, em boa verdade, não é novo para estas páginas. Tratou-o, vai decorrido mais de meio século, o invulgarmente culto lavrador alentejano Francisco Cordovil de Barahona em o número 733 desta *Gazeta*, referente a 16 de Janeiro de 1910, artigo este que foi reproduzido em o número 2357, de 15 de Agosto de 1957.

Motivou esta reprodução, o termos publicado em o número anterior àquele (n.º 2356, de 1 de Agosto de 1957, páginas 568) o resumo mais ou menos desenvolvido, de um artigo de T. B. Hesthamar, intitulado *Tratamento alcalino das palhas de cereais na Noruega*, publicado na revista *Fatis*.

O tema deste artigo — que não vamos reproduzir, mesmo em sùmula, pois todos os nossos leitores têm esse número (2356) na sua estante — e o do que a princípio resumimos são idênticos, como idênticos, ou quase, são os processos empregados no tratamento das palhas dos cereais com o fim de as tornar mais rendosas na alimentação dos bovinos.

Urge concluir, pois é pouco o espaço de que dispomos. Seja-nos permitido finalizar, repetindo as palavras com que fechamos o artigo publicado em o número 2356, que são as seguintes:

«Não valerá a pena pensarmos neste aproveitamento das nossas palhas, muitas das quais se perdem? Supomos que sim».

«Mas não improvisemos; não caminhemos às cegas, vereda que poderá levar-nos a desânimos, quando não a desastres. Estudemos primeiro o problema e ponhâmo-lo em prática depois; e por felicidade nossa, dispomos de estabelecimento onde os estudos e ensaios poderiam ser feitos: a modelar Estação Zootécnica Nacional.



AVICULTURA

abandonada fonte de riqueza

SEGUNDO estatísticas recentes, a existência de galinhas poedeiras excede já seis milhões; tomemos, porém, para base do cálculo que vamos fazer, aquele número. Computa-se a produção de ovos em 420 milhões, número este tomado por defeito e não por excesso.

Embora existam já entre nós aviários criteriosamente montados e dirigidos, que têm por principal finalidade a produção de ovos, são ainda poucos, e, consequentemente, diminuto o número de galinhas que os constituem — um pouco mais de trezentas mil aves no conjunto. Não influi, portanto, a existência destes galinheiros no cálculo que vamos fazer.

Tendo em conta os números que acima apontamos, vê-se que a produção média por poedeira é de 70 ovos, o que corresponde a menos de um terço da produção obtida em outros países. Já em 1953 se registava em alguns aviários holandeses, uma produção de 250 ovos por galinha, até à idade de 18 meses. Estamos certos de que esta produção

média terá aumentado de então para cá, mas não possuímos elementos seguros para a apontar.

Qual a causa—ou causas—desta baixa produção de ovos? A orientação errada que temos seguido na exploração avícola. Não julguem que vamos condenar a criação casaleira, a que desde longe estamos habituados, aconselhando que a substituamos pelo aviário, de carácter industrial. Sem dúvida que, além dos que já existem, outros virão a estabelecer-se; mas aqueloutro modo de exploração avícola, a que acima nos referimos, perdurará por muitos anos com benefício seguro para os que a exercem ou exerceram, e ainda benefício para a colectividade.

Mas, para tanto, é indispensável que o rendimento misérrimo que agora dá, se volva em compensador, o que não será difícil alcançar em período relativamente curto, desde que se abandonem práticas erradamente seguidas, que impedem um aumento substancial na produção de ovos

(Conclui na pág. n.º 84C)

CARTA ABERTA

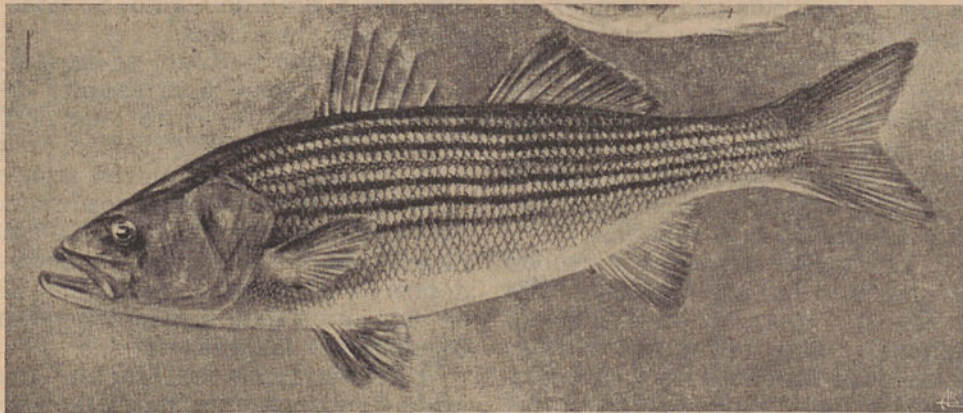
ao Ex.^{mo} Sr. Director-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas

Por ALMEIDA COQUET

TALVEZ V. Ex.^a se recorde ainda do meu nome, quando, membro da Comissão nomeada em Abril de 1956 para estudo e projecto de regulamentação das águas interiores do País, tive a honra — juntamente com os restantes membros da referida Comissão — de ser empossado por V. Ex.^a, apresentando-nos em seguida ao sr. Ministro da Economia, Dr. Ulisses Cortês. E no primeiro de Agosto seguinte, estive V. Ex.^a novamente connosco, ao entre-

Isto passou-se há já quatro anos, e não vou aqui repetir a história dos factos que precederam a discussão e aprovação da lei n.º 2.097 na Assembleia Nacional, em Junho de 1959. Só lembrarei que até agora não foi ainda republicado o regulamento respectivo, absolutamente necessário, para que da lei possam surtir os efeitos desejados.

Em 1 de Maio deste ano, publicou o SÉCULO um justíssimo editorial sob o título «UMA SITUAÇÃO QUE NÃO PODE MAN-



O «Robalo-Muge», espécie norte-americana, que devido à iniciativa do notável pescador e escritor, sr. Jorge Brun do Canto, acaba de ser introduzido em Portugal

garmos o nosso trabalho àquele titular.

Dessas duas vezes, recordo ainda o entusiasmo e calor com que V. Ex.^a defendeu a necessidade duma nova e eficiente regulamentação que proteja as nossas águas interiores. V. Ex.^a, que não é pescador, falou com o entusiasmo dum pescador, deixando-me a impressão nítida de que podíamos contar com toda a sua boa vontade para se atingir o fim em vista: protecção aos rios e lagoas, e pesca bem regulamentada.

TER-SE!». E nestas colunas, em igual data⁽¹⁾, no meu artigo «FALANDO CLARO», mostrava — como o SÉCULO — que era imprescindível a publicação do regulamento à lei n.º 2.097.

Tiveram estes dois artigos a mesma razão de ser: a nova intervenção, na Assembleia Nacional, do ilustre deputado Dr. Cerveira Pinto.

Ouso, pois, perguntar a V. Ex.^a se

(1) *Gazeta das Aldeias*, n.º 2422.

ainda podemos contar — como cremos — com aquela boa vontade e cooperação que naturalmente se deduziu da maneira como V. Ex.^a falou ao sr. Ministro da Economia em 1956.

Como V. Ex.^a muito bem sabe, este assunto do fomento piscícola nas águas interiores e a pesca tem uma importância enorme para o TURISMO no nosso País. É uma fonte de receita de grande valor que cobre amplamente, directa ou indirectamente, a despesa requerida para que as águas estejam convenientemente povoadas e a pesca possa ser exercida como é preciso.

Nós dizemos ao turista: venha a Portugal, admire a nossa paisagem, as nossas obras de arte, o nosso folclore e aprecie as nossas comidas e os nossos vinhos!

Nos outros países, dizem uma coisa semelhante, mas não se esquecem de dizer também: venha aos nossos rios e aos nossos lagos e pesque as nossas trutas e os nossos salmões!

Mas isso é que nós não podemos dizer... pelo menos agora.

Para se ver a importância que estas coisas de peixes e de pesca merecem aos responsáveis noutros países, poderei citar o que se passou a propósito da recente vinda, para Portugal, de uma nova espécie aqui, o ROBALO-MUGE, «striped bass» dos norte-americanos (*Roccus-saxatilis*).

Se V. Ex.^a quiser dar-se ao incómodo de folhear os n.ºs 140 e 141 da magnífica revista lisboeta «DIANA», poderá tomar conhecimento pormenorizado do assunto através da pena brilhante do ilustre pescador-escritor Jorge Brun do Canto, que aliás não tenho o prazer de conhecer, mas que muito admiro através da sua prosa entusiasmada e colorida. Basta ler os seus artigos e ter alguma informação da sua labuta como pescador desportivo e pioneiro da defesa das nossas águas, para tirarmos a conclusão de que estamos diante de ALGUÉM *que sabe o que quer, que trabalha e que sabe trabalhar!* Isto, sem a menor sombra de lisonja.

Mas voltemos ao robalo-muge. A história resume-se no seguinte: — Brun do Canto pediu a um seu amigo norte-americano, Julian Crandall, para lhe conseguir ovos ou alevins do referido peixe. Este último, numa ligação com Thomas

J. Wright, Chefe da Divisão de Pesca e Caça do Estado de Rhode Island, com John L. Rego, Director do Departamento da Agricultura e Conservação do Estado de Rhode Island e com Christopher Del Sesto, Governador do mesmo Estado, consegue-lhe uma remessa de algumas dezenas de indivíduos com o tamanho de cerca de 20 cm.

E como vieram? Anestesiados, mediante estudo propositadamente feito por Thomas J. Wright, dentro de sacos de polietilene, com água salgada e oxigénio puro, tudo em caixas de cartão, com as competentes instruções para reanimar os peixes, aclimatá-los, etc..

E o custo de tudo isto? *gratis*, simplesmente *gratis* até à Portela!

Nos citados números da «DIANA», poderá V. Ex.^a ler as interessantes cartas — e porque não dizer, até, comovedoras? — do Director John L. Rego (descendente de portugueses, como ele mesmo afirma na sua carta) e do Governador Del Sesto, dirigidas a Brun do Canto. Só lidas é que podem ser apreciadas.

Mas, acima de tudo, vê-se sem a menor dúvida, como este assunto de «peixes» é tratado do outro lado do Atlântico!

E que diremos nós outros, aqui, a tudo isto? Nós, que há trinta anos lutamos por uma nova lei e regulamentação em substituição da de 1893; nós, que ainda agora, depois de publicada a lei n.º 2097, há mais de um ano, continuamos a esperar pelo regulamento respectivo?

Diremos, Ex.^{mo} Sr. Director-Geral, que ainda contamos com aquela boa-vontade que V. Ex.^a manifestou em 1956; e que todos os pescadores portugueses esperam que V. Ex.^a procure remover esse *grão de areia*, que escondido em qualquer engrenagem, não deixa trabalhar a nossa máquina e tudo encrava!

Perdoe-me V. Ex.^a este desabafo e ousadia do pedido e creia-me sempre, com a mais elevada consideração e estima,

De V. Ex.^a

Admirador sincero, att.º e vnr.

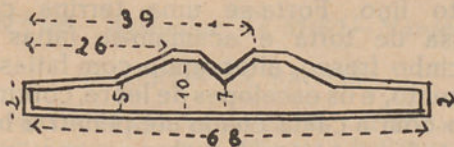
Almeida Coquet

SECÇÃO FEMININA

A criança ao ar livre

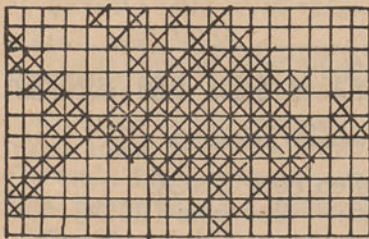
O sol e o ar livre, da praia ou do campo, são os melhores elementos para consolidar uma constituição infantil. A criança necessita de movimento e ar bastante oxigenado. Deve, por isso, conservar-se a maior parte do tempo fora de casa, embora haja que ter cuidado com a defesa do corpo, ainda muito frágil.

Assim é que se entende como sempre necessário o agasalho de lã, que protege com maior eficiência o peito e as costas, não deixando que o arrefecimento se dê rapidamente — o que é, na maior parte



dos casos, causa de graves lesões que muitas vezes prevalecem para toda a vida.

Por isso, é muito aconselhável manter o uso do fato de banho em malha ou,

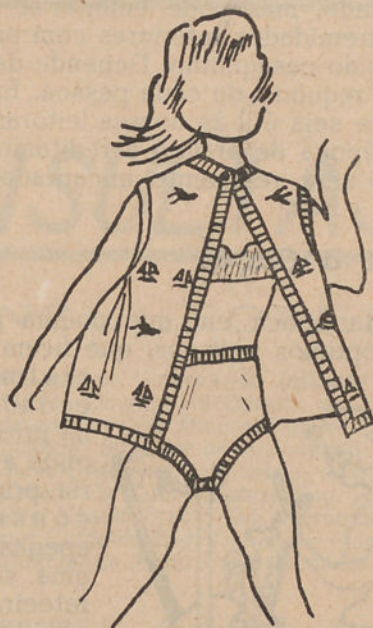


pelo menos, ter sempre à mão um casaquinho que a criança pode vestir qualquer momento e

que, por uma questão de estética e bom gosto, pode completar um conjunto harmonioso com o próprio fato ou calção.

A nossa *Gazeta* apresenta hoje um engraçado conjunto para menina.

O casaco é confeccionado em malha lisa de meia e trabalhado com tons dife-



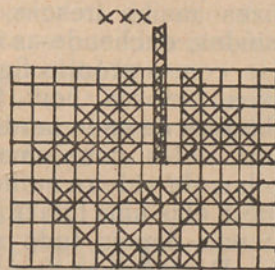
rentes, formando motivos de praia, como um pequeno barco à vela e um peixe.

Estes motivos são colocados alternadamente, por grupos ou singelos, conforme o gosto de cada um, podendo adoptar-se a ordem seguida no modelo aqui apresentado. Se o conjunto for em fundo escuro, adoptar-se-á, como é evidente, o tom de branco, amarelo, verde claro, vermelho, para os desenhos, e, sendo claro, deverão escolher-se cores fortes e vivas.

O desenho dos motivos apresenta um pequeno pormenor: o traço que representa a chaminé do barco deve ser feito em qualquer ponto grosso, torcido, a gosto. E isso é facilmente resolvido pela habilidade e prática de quem o executar.

O corpetinho é liso, apenas debruado com um canelado e as medidas dadas devem servir para menina de 10 a 11 anos, dependendo, claro está, de ter uma constituição normal.

O calção é igualmente liso, rematado



a canelado, mas pode enfeitar-se numa das extremidades inferiores com um dos motivos do casaquinho. Depende da vontade e requinte de cada pessoa. Esperamos que seja útil às nossas leitoras para a sua época de praia e acreditamos que o efeito será, realmente, encantador.

Abriu a caça!

Nesta época em que podem preparar-se óptimos petiscos, que ficam espe-



cialmente económicos na provincia, onde a matéria prima se consegue apenas com uma simples ratoeira bem armada ou uma pequena espingarda e uns cartuchos, é sempre muito útil

apresentar sugestões e dar novas receitas. Eis duas receitas esplêndidas:

Perdiz com uvas de recheio

Depenam-se com cuidado quatro perdizes muito frescas, tiram-se todos os miúdos, enchendo-as depois de bem lavadas com o próprio figado muito picado e uvas brancas bem frescas. Coze-se a abertura de cada perdiz e envolve-se cada uma delas com uma ou duas grandes folhas de videira *muito* frescas enrolando, sobre elas uma fina tira de toucinho fresco, atando depois tudo muito bem com um fio. Derretem-se 6 a 7 colheres de manteiga numa caçarola e alouram-se dentro muito ligeiramente, apenas durante 5 ou 6 minutos, as perdizes assim envolvidas, salgando e apimentando a cozedura. Tiram-se e colocam-se numa assadeira de pirex, levando a cozer ao forno durante dez minutos. Na caçarola em que ficou o molho da fervura, alouram-se fatias de pão com as quais se enfeita o prato de pirex com as perdizes. No restante molho da caçarola, deita-se um copo de sumo de

uvas muito fresco e duas colheres de conhaque ou aguardente velha, deixa-se levantar fervura apenas e deita-se imediatamente numa molheira em que se derretem umas quatro colheres de manteiga fina. Serve-se este molho, bem quente, juntamente com as perdizes.

Lebre em geleia

Desossa-se uma lebre muito nova, pesando cerca de 1 kg. e $3/4$, e corta-se toda a carne em fatias finas. Numa caçarola põem-se todos os ossos da lebre, uma grande pata de vitela partida em pedaços, restos de caça que tenham sobrado de outra refeição, três cebolas, uns pés de salsa, um bom alho picado em pedaços, pimenta, sal e três copos de vinho branco, juntando bastante água para que a carne fique bem coberta. Coze-se em fogo moderado com a caçarola bem tapada, durante duas horas. Coa-se em seguida por uma peneira muito fina e em seguida por um pano igualmente muito fino. Forra-se uma terrina com massa de torta e acamam-se fatias de toucinho fresco, alternando com fatias de presunto, e os escalopes de lebre, cobrindo tudo com a calda coada até penetrar bem em toda a carne. Recobre-se com uma camada de toucinho, e tapa-se herméticamente o recipiente com uma parte de massa que se guardou para este efeito. Coze durante três horas no forno muito moderado e regular, deixando arrefecer antes de abrir a terrina. Pode servir-se de preferência gelado, acompanhado de salada.

Apontamentos acerca de óleos como insecticidas

(Conclusão da pág. 825)

Dytrol: — óleo com DNOC
D. N. C. 2,5: — óleo com DNOC
Euphytane-Inverno: — óleo mineral
Euphytane-Verão: — óleo mineral
Laranjol: — óleo mineral branco
Pomorol: — óleo mineral
Veranoil: — óleo branco
Veranol 80 o/o: —

Nota — O autor agradece a indicação do nome de outras especialidades que estejam à venda no mercado português.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Dr. A. Pinheiro Torres, Advogado; Prof. António Manuel de Azevedo Gomes—do *Instituto Superior de Agronomia*; Dr. António Sérgio Pessoa, Médico Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrônomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves—do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrônomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrônomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrônomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrônomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrônomo—*Director do Posto C. de Fomento Apícola*.

II

FRUTICULTURA

N.º 188 — Assinante n.º 35:292 — *Manteigas*.

ENXERTIA DA MACIEIRA

PERGUNTA — As macieiras enxertadas em cavalo Parady são mais robustas e frutificam mais cedo?

Haverá vantagem em proceder à plantação de macieiras enxertadas neste cavalo?

RESPOSTA — Os porta-enxertos Parady são ananicantes, portanto menos robustos do que os de semente.

Além da redução do porte imprimem ao enxerto uma frutificação mais precoce e mais abundante.

Na região de Manteigas, sujeita a condições difíceis, achamos preferível o porta-enxerto de semente, salvo nos terrenos mais ricos e abrigados em que se pretenda fazer uma exploração com formas de produção intensiva. — *Madeira Lobo*.

N.º 189 — Assinante n.º 44:800 — *Cinfães*.

ENXERTIA DO DIOSPIREIRO

PERGUNTA — Tenho no meu quintal um diospireiro bravo que tirei de um alporque. Plantei-o, está muito lindo, mas, como é bravo, quero enxertá-lo. Venho pedir-lhe o favor de me dizer em que época se faz o enxerto e a maneira mais própria.

RESPOSTA — O diospiro pode enxertar-se em duas épocas—no fim do Inverno, de garfo, e, na Primavera e Verão, de borbulha.

Para enxertia de garfo devem colher-se os garfos cedo, em fins de Janeiro, conservá-los em boas condições para serem enxertados depois, porque os diospiros bravos—*Diospirus lotus* e *Diospirus virginiana*—rebetam mais tarde do que os mansos, pelo que os garfos se devem conservar até essa ocasião.

A enxertia de borbulha, de olho vivo ou de olho dormente, especialmente esta última, dá resultados muito bons.

A enxertia de olho vivo faz-se em Junho e a de olho dormente em Julho-Agosto. — *Madeira Lobo*.

III

VITICULTURA

N.º 190 — Assinante n.º 41:087 — *Lisboa*

RENOVAÇÃO DE VINHA

PERGUNTA—Possuo uma vinha já velha, para a qual pedi este ano autorização de renovação; sei que será vistoriada em breve. Porém, há cerca de 5 anos, renovei nela, sem autorização, 360 videiras que se situam num extremo da dita vinha. Qual a multa a que estou sujeito? Se as arrancar antes da vistoria, ser-me-á certamente descontado o seu número na autorização pedida, pelo que não me convém, salvo grande penalidade.

VINHOS—AZEITES—Secção técnica, sobre análises de vinhos, vinagres, aguardentes e azeites, etc. Consultas técnicas e montagem de laboratórios. L'cores para todas as análises, marca VINO-VITO. Aparelho para a investigação de óleos estranhos nos azeites. — Dirigir a VINO-VITO R. Cais de Santarém, 10 (ao Cais da Areia)— LISBOA — Telefone, 27130

Haverá qualquer possibilidade de legalizar ainda esta pequena renovação?

RESPOSTA — As reconstituições de vinhas não se podem fazer sem prévia autorização da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, a qual deverá ser pedida antes do dia 15 de Abril de cada ano.

As 360 videiras plantadas, por carecerem dessa autorização prévia são ilegais, podendo legalizar-se mediante o arranque de igual número de cepas e o pagamento de 1\$00 por pé, conforme determina a alínea d) do art. 18.º do decreto n.º 38.525.

Desta forma, ao número de videiras que a vistoria considere serão descontadas as 360 já plantadas, para a futura plantação, a não ser que o Sr. Consulente as deseje arrancar antes, livrando-se dessa forma do pagamento da multa.

Se, porém, estas estiverem em boas condições é preferível pagar a multa e conformar-se com a redução, na futura autorização, deste número de pés. Deste caso interessa tirar a devida lição — não plantar antes de se obter a necessária autorização, e, se a vinha está velha, convém, enquanto se não decide da sua reconstituição ou transferência, requerer o cadastro da vinha, podendo, de futuro, pedir a plantação do número de pés verificado, no mesmo terreno, *reconstituição*, ou noutro local, *transferência*. — *Madeira Lobo*.

VII

PATOLOGIA VEGETAL

N.º 191 — Assinante n.º 35.292 — *Manteigas*.

MACIEIRAS E PEREIRAS ATACADAS PELO PULGÃO E PELAS FORMIGAS

PERGUNTA — Plantei há dois anos diversas variedades de macieiras e pereiras, que se têm desenvolvido bem. Sucede, porém, que a certa altura as folhas encarquilham pelo pulgão, na parte inferior das folhas que as formigas vão comer ou transportar.

Qual o tratamento a aplicar para combater o pulgão ou para destruir as formigas, visto que atrofiam o desenvolvimento das árvores?

RESPOSTA — Na época que decorre não lhe aconselhamos fazer qualquer tratamento contra os afídeos que se apresentam a parasitar as suas macieiras. Para a formiga, neste momento em vésperas de começar a sua hibernação, aconselhamos-lhe pincelar os troncos das fruteiras com uma calda de «Formiclor líquido», ou equivalente, a 2 o/o em água, até que ela desapareça completamente. Duas destas aplicações, com 60 dias de intervalo, serão suficientes para o quase total afastamento da praga.

Na próxima Primavera é que, então, e contra o piolho, deverá fazer aplicações em pulverização, dum aficida do tipo Malation, a 0,15 o/o em água, tantas vezes quantas sejam necessárias para desaparecimento da praga infestante. — *Benevides de Melo*.

XVI

AVICULTURA

N.º 192 — Assinante n.º 42:635 — *Guimarães*.

ARRAÇOAMENTOS EQUILIBRADOS PARA GALINHAS E FRANGOS

PERGUNTA — Agradeço a resposta à minha consulta de há dias, mas devo confessar que não me satisfiz e pela primeira vez que consulto a *Gazeta* não fui informado como desejava.

Eu queria aprender a fazer, na minha casa, a mistura de farinhas com a indicação séria e competente de um colaborador da *Gazeta das Aldeias*.

Recorrer aos fornecedores da indústria de rações para aves, não era nem é a minha intenção, pois se o fosse já teria seguido esse caminho, antes de consultar.

Se for possível responder-me tal qual era o espirito da minha consulta, agradeço; não podendo ser, paciência.

RESPOSTA — Uma vez que foi perguntado qual a ração que se devia administrar às galinhas poedeiras e aos frangos de engorda, e não como preparar tal ração, aconselhei o que se me afigura mais vantajoso para os pequenos avicultores, pelas razões já expostas nesta secção de consultas.

Como considero uma utopia pretender ensinar, em breves palavras, a maneira de elaborar arraçoamentos equilibrados e económicos, sem o recurso a produtos compostos complementares, porquanto o assunto é assaz complexo e vasto para poder ficar aqui devidamente exposto, a

seguir indico algumas obras que dele se ocupam e torneço, a titulo de exemplo, fórmulas de rações, que correspondem, aproximadamente, ao tipo das que se encontram no nosso mercado, preparadas por fabricantes idóneos.

Julgo que o consulente, depois de ter lido algumas de tais obras ou de ter executado qualquer das fórmulas indicadas, verificará a sensatez do conselho que primeiramente lhe foi dado.

BIBLIOGRAFIA:

- Nutritive requeriments and feed formulas for chickens — Bird, H. R.
- Poultry nutrition — Ewing, W. R.
- Précis d'alimentation du poulet — Ferrando, R.
- Feeding poultry — Heuser, G. F.
- Alimentacion de la gallinas — Llobet, J.A.C.
- Feed and feeding — Morrison, F. B.
- Rudimentos sobre alimentação de galinhas — Silveira, F. S.
- Des besoins nutritifs des volailles — Simonnet, E.
- The scientific feeding of chickens — Titus, H. W.
- The nutrition of poultry — Titus, H. W.
- Poultry nutrition — Zwing, W. R.

RAÇÕES:

Para poedeiras: (100-120 gr/ave)

Sêneas de trigo	20,0	o/o
Farinha de milho amarelo	35,7	»
» » cevada	11,0	»
» » aveia	5,0	»
» » fava	3,0	»
» » luzerna	4,0	»
» » peixe	8,0	»
Bagaço de mendobi	7,0	»
Carbonato de cálcio	4,0	»
Fosfato de cálcio	1,0	»
Sal comum	0,3	»
Suplemento vitam. e mineral	1,0	»
	100,0	»

Entre os vários suplementos existentes no mercado, forneço, como exemplo da sua composição, a do « Vitafac Poultry Bruder Base — Dawe's » que contém: Vitaminas A, D₃, K₃, B₁, B₂, PP, B₆, B₁₂, ácido pantoténico, ácido fólico, biotina, cloridrato de colina, ac. para-aminobedzóico, inositol, Neovite, manganês, ferro, cobre, cobalto, zinco e iodo.

Para « frangos de engorda » (dar à discrição)

Sêneas de trigo	8,00	o/o
Farinha de milho amarelo	58,75	»
» » fava	4,00	»
» » luzerna	3,50	»
» » peixe	7,00	»

Leite desnatado em pó	3,00	o/o
Bagaço de mendobi	5,00	»
Bagaço de soja	8,00	»
Suplemento vitam. mineral, etc.	1,00	»
Carbonato de cálcio	1,00	»
Farinha de ossos	0,50	»
Sal comum	0,25	»
	100,00	»

ou

Sêneas de trigo	10	o/o
Farinha de milho amarelo	45	»
» » cevada	20	»
Bagaço de mendobi	5	»
Concentrado proteico-vitamínico-mineral, etc.	20	»
	100	»

Como exemplo de concentrado, indico o Provimi n.º 10, constituído essencialmente por farinhas de peixe, leite em pó, bagaço de soja, vitaminas A, D₃, E, B₁, B₂, B₁₂, PP, Pantotenato de cálcio, penicilina, nitrofurazona, carbonato de cálcio, fosfato bicálcico, cloreto de sódio, sulfato de magnésio, de manganês, de ferro e de cobre.

Ao indicar tais composições apenas se pretende dar uma ideia da complexidade das respectivas fórmulas. Cabe ao avicultor escolher, entre os produtos similares, quais os que lhe ofereçam maior confiança e vantagem. — Sérgio Pessoa.

XXIII

DIREITO RURAL

N.º 193 — Assinante n.º 29:739 — Castelo de Paiva.

ÁGUAS SUBTERRÂNEAS

PERGUNTA — Por herança, foi dividido entre 3 irmãos uma propriedade; aos 2 primeiros coube um campo que eu agora comprei; a água de rega é de mina e está explorada em dois campos que tocaram ao terceiro herdeiro; este senhor deu, agora, a um filho 400 m² para fazer uma casa. Este pensa fazer um poço para tirar água, para seu uso, dentro dessa propriedade. Poderá fazê-lo, estando ali a mina? No caso de não poder, agradeço o favor de me indicar o que tenho a fazer.

Junto um desenho para melhor elucidação.

RESPOSTA — 1. Segundo o art. 2.288.º do Código Civil, o proprietário, tem o direito de fruição do solo em toda a sua profundidade, salvas as disposições da lei em relação à exploração de minérios.

Pelo que, em princípio, o proprietário tem o direito de explorar toda a água

subterrânea que esteja contida dentro dos limites do prédio.

2. Mas, por outro lado, sobre as águas subterrâneas de certos prédios pode haver direitos adquiridos por parte de terceiros, e é claro que nesse caso o direito de fruição do proprietário do prédio aparece limitado, na medida em que não pode prejudicar o direito desse terceiro.

É esta a doutrina do art. 102.º do Decreto 5.787 iiii.

3. Ora, parece-me depreender-se da consulta feita que a água de rega dos campos comprados pelo sr. consulente provém da mina aludida. E, sendo assim, o sr. consulente adquiriu também o direito à água para a rega quando adquiriu os campos.

4. De resto, tendo pertencido tudo ao mesmo proprietário (a pessoa que deixou a propriedade aos 3 irmãos), está-se diante dum direito à água pela chamada *destinação do pai de famílias*.

Realmente tal é o disposto no art. 2.274.º do Cód. Civil: «Se em dois prédios do mesmo dono, ou em duas fracções de um só prédio, houve sinal ou sinais aparentes e permanentes, postos por ele ou pelos seus antecessores em um ou em ambos, que atestem servidão de um para com outro, esses sinais serão havidos como prova de servidão, quando, em relação ao domínio, os dois prédios, ou as duas fracções do mesmo prédio vieram a separar-se, salvo se, ao tempo desta separação, outra coisa se houver declarado no respectivo documento».

5. Concluindo: o visinho do sr. consulente tem o direito de explorar a água da mina, desde que não diminua o caudal necessário às regas do sr. consulente. — *A. Pinheiro Torres*.

N.º 194 — Assinante n.º 44 780 — Grândola.

DESPEAS E BENFEITORIAS FEITAS PELO COMPROPRIETARIO

PERGUNTA — Tenho uma partilha com três irmãos de minha mulher; há 23 anos que foi tirada a parte da minha mulher e ficaram os três em comum. Desde sempre que tenho tentado conseguir a escritura de partilhas, mas não a obtive; quando nós fizemos partilhas aproveitava-se para fazer tudo na mesma ocasião; estava certo, caso chegasse a hora para se fazer, porque entre eles há dois órfãos e o pai de um é doente.

Eu tenho feito reparações e benfeitorias, gastando uns 150 contos na propriedade; e há poucos dias esteve uma pessoa amiga a falar com eles e tocou-lhes no assunto; responderam, só se fazem as escrituras quando se fizerem novas avaliações, julgo por verem o aumento que tenho feito na propriedade; então será por isso que os homens exigem nova avaliação, e até por sinal esta divisão foi feita entre nós e tudo concordou da melhor boa vontade; agora, ao fim de 23 anos querem novas avaliações!

Em face do exposto, venho pedir o seu conselho e dizer-me como devo proceder.

RESPOSTA — 1. As partilhas feitas há 23 anos não têm qualquer valor, pois não chegou a ser feita escritura.

2. E é claro portanto que, querendo os cunhados do senhor consulente fazer outras avaliações, o podem fazer, mas só têm interesse prático se servirem para, de seguida, fazerem a respectiva escritura; se o não fizerem, tudo, afinal continuará como até aqui.

3. a) — Simplesmente o senhor consulente tem o direito de receber o dinheiro gasto em despesas de conservação da propriedade (art. 2178.º do Cód. Civil) e, em geral, em «todas as despesas de interesse comum, designadamente, as dos impostos, seguros, licenças e taxas municipais, cultura e colheita, grandes reparações subsequentes a sinistros», etc. (C. Gonçalves, *Trat.*, XI, pág. 260).

b) — Quanto às benfeitorias úteis também me parece que pode o senhor consulente exigir o seu reembolso, por força do art. 1261.º do Cód. Civil (cf. art. 2179.º). E são benfeitorias úteis «aquelas que, não sendo indispensáveis para a conservação da coisa, lhe aumentam todavia o valor» (art. 499.º do Cód. Civil).

c) — Quanto às benfeitorias voluptuárias (e são voluptuárias «aquelas que, sem aumentarem o valor da coisa a que são aderentes, servem só para recreio do possuidor» — § 1.º do art. 500.º do Cód. Civil), não podem ser exigidas, mas tem o senhor consulente a faculdade de as levantar, se puder fazê-lo sem detrimento de propriedade.

4. Resumindo: desde que se façam novas avaliações têm os outros consortes de entrar em linha de conta com as despesas e benfeitorias realizadas — *A. Pinheiro Torres*.



INFORMAÇÕES

Estado das culturas em 30 de Setembro

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

O tempo, que se manteve quente e seco durante a primeira quinzena do mês de Setembro, permitiu efectuar em boas condições os trabalhos,

agricolas próprios da época e favoreceu o desenvolvimento das culturas pendentes. A partir de meados do mês registaram-se quedas pluviométricas mais ou menos intensas, que chegaram a atingir um aspecto torrencial em alguns locais das regiões nortenhas, onde também se fizeram sentir os efeitos de fortes trovoadas e quedas de granizo. As chuvas caídas foram benéficas para algumas culturas e contribuíram para facilitar a mobilização das terras destinadas às sementeiras do Outono.

Terminaram praticamente as colheitas de milho e feijão de sequeiro, prevendo-se em primeira estimativa que as produções respectivas atinjam 84 o/o e 91 o/o das do ano passado. Estas mesmas culturas em regime de regadio apresentam, em geral, bom desenvolvimento vegetativo, embora a maturação tenha sofrido um certo atraso em consequência da falta de calor nos últimos dias do mês. Calcula-se que a produção de milho venha a superar a do ano

Calendário de Novembro

Durante este mês a duração do dia é de 10 h. e 35 m. em 1. e de 9 h. e 41 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Terça	7. 4	17.37	16.49	4.45
2 Quarta	7. 5	17.36	17.23	5.48
3 Quinta	7. 6	17.35	18. 0	6.49
4 Sexta	7. 7	17.34	18.37	7.49
5 Sábado	7. 8	17.33	19.17	8.46
6 Domingo	7. 9	17.32	20. 1	9.41
7 Segunda	7.10	17.31	20.48	10.33
8 Terça	7.11	17.30	21.38	11.20
9 Quarta	7.12	17.29	22.29	12. 3
10 Quinta	7.13	17.28	23.23	12.43
11 Sexta	7.14	17.27	*	13.20
12 Sábado	7.15	17.27	0.19	13.54
13 Domingo	7.16	17.26	1.16	14.27
14 Segunda	7.18	17.25	2.15	14.59
15 Terça	7.19	17.24	3.15	15.32
16 Quarta	7.20	17.23	4.17	16. 7
17 Quinta	7.21	17.23	5.22	16.44
18 Sexta	7.22	17.22	6.30	17.16
19 Sábado	7.23	17.21	7.38	18.12
20 Domingo	7.25	17.21	8.46	19. 7
21 Segunda	7.26	17.20	9.50	20. 7
22 Terça	7.27	17.19	10.48	21.11
23 Quarta	7.28	17.19	11.40	22.17
24 Quinta	7.29	17.18	12.26	23.24
25 Sexta	7.30	17.18	13. 6	*
26 Sábado	7.31	17.17	13.44	0.30
27 Domingo	7.32	17.17	14.18	1.35
28 Segunda	7.33	17.17	14.51	2.38
29 Terça	7.34	17.16	15.25	3.40
30 Quarta	7.35	17.16	15.59	4.40

L. C. em 5 às 11 h. e 58 m.; Q. M. em 11 às 15 h. e 48 m.; L. N. em 18 às 25 h. e 47 m.; Q. C. em 25 às 15 h. e 42 m.

* Nestes dias a lua não nasce ou não se põe.

RESUMO METEOROLÓGICO DE SETEMBRO

	A norte do Tejo	A sul do Tejo
<i>Precipitação média (mm):</i>		
Total do mês	78,8	13,5
Desvio da normal	+ 30,1	+ 14,0
<i>Temperatura do ar (oC):</i>		
Média do mês	18,3	20,8
Desvio da normal	- 0,8	- 0,3

passado em 4 o/o e que a de feijão seja praticamente igual.

A cultura da batata de regadio tem dado resultados satisfatórios, prevendo-se que a produção global venha a exceder a do último ano em 14 o/o.

Durante o mês houve um aumento de actividade nos arrozais, onde prosseguiram as colheitas. O estado do tempo decorreu favoravelmente a estes trabalhos durante a primeira quinzena, mas durante a segunda as chuvas obrigaram a interrupções repetidas. As searas por ceifar, sobretudo as das formas mais precoces, sofreram alguns prejuizos com a acção mecânica das chuvas. Prevê-se que o rendimento unitário desta cultura, embora tivesse decrescido ligeiramente em relação a Agosto, venha a ser praticamente igual ao do ano passado e á média do último decénio.

As vindimas iniciadas durante o mês nem sem-

Regiões agrícolas	ESTADO DAS CULTURAS											
	Estado fundamental: (a) 100 = Produção média por hectare no decénio 1950-59; (b) 100 = Produção média por hectare em 1959						Estado fundamental: (a) 100 = Produção média no decénio 1950-59 (b) 100 = Produção em 1959					
	Batata de regadio		Milho de regadio		Feijão de regadio		Arroz		Uva		Azeitona	
	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Continente	91	114	112	104	102	101	99	98	113	123	107	90
I — Braga	62	110	121	100	78	80	123	130	104	70
II — Porto	110	140	108	100	125	110	145	150	109	70
III — Mirandela	85	100	115	100	93	100	125	150	75	60
IV — Aveiro	62	90	104	110	91	110	106	103	110	130	101	60
V — Lamego	106	110	107	100	117	100	119	140	132	100
VI — Viseu	101	140	130	125	120	125	138	150	121	95
VII — Guarda	86	100	111	120	104	100	140	150	73	80
VIII — C. Branco	95	100	105	100	102	100	92	80	141	120
IX — C. Rainha	96	121	147	112	120	97	113	107	92	95	98	71
X — Santarém	76	90	85	100	86	100	89	94	110	130	110	105
XI — Elvas	97	120	93	110	92	100	104	95	120	100	115	120
XII — Évora	97	110	94	100	91	100	100	101	94	90	85	90
XIII — Setúbal	76	110	100	100	109	100	101	96	92	90	93	100
XIV — Beja	89	100	110	100	92	100	117	105	86	80	100	80
XV — Tavira	68	100	100	110	95	110	122	109	85	95	108	80

. — Movimento nulo

pre decorreram em boas condições devido à intensidade das chuvas caídas, que causaram a interrupção frequente de todos os trabalhos de campo. Apesar de se terem dado, em algumas regiões, ataques tardios de mildio (*Plasmopora viticola*, Berl e De Toni) e oídio (*Uncinula necator*, Schw), com o consequente apodrecimento dos cachos, na generalidade estes apresentam bom desenvolvimento e bom estado sanitário. Em alguns locais as

ESTIMATIVAS DAS COLHEITAS

(Números sujeitos às correcções que os cálculos definitivos indicarem)

Culturas	Produção	ÍNDICES	
		Base: produção média no decénio 1950-59	Base: produção em 1959
1	2	3	4
<i>2.ª estimativa</i>			
Trigo	4 398 mil q	68	71
Centeio	1 166 » »	64	67
Grão-de-bico	264 mil hl	115	84
<i>1.ª estimativa</i>			
Milho de sequeiro	1 563 mil hl	84	84
Feijão de sequeiro	199 » »	91	91

produções não são inteiramente satisfatórias, mas nas principais regiões vinhateiras elas superam marcadamente as do ano passado, prevendo-se no conjunto que a produção global exceda em 13 o/o a média do último decénio e em 23 o/o a última colheita.

Nos olivais verificou-se uma queda abundante de frutos em consequência das chuvas e do grizo e ainda como resultado da acção da mosca da azeitona (*Dacus oleae*), que, encontrando ambiente climático favorável ao seu desenvolvimento, redobrou de actividade durante o mês. Prevê-se que a futura produção exceda em 7 o/o a média dos últimos dez anos, mas seja inferior em 10 o/o relativamente à da campanha passada.

As macieiras e algumas variedades de pereiras tiveram produções regulares, mas por vezes os frutos apresentam sinais mais ou menos extensos das pragas que habitualmente atacam estas fruteiras. Os citrinos prometem produção variável, começando os frutos no Algarve a serem atacados pela mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*).

Os castanheiros apresentam bom aspecto vegetativo e uma produção regular. A doença da tinta (*Phytophthora cambivora*) tem provocado a morte de algumas árvores desta espécie.

Nos montados a produção de bolota e lande é em geral fraca, sobretudo naqueles onde não foram efectuados os tratamentos adequados contra o burgo (*Tortrix viridana*), que este ano, em face de condições propícias, teve um desenvolvimento apreciável.

As chuvas foram muito benéficas para a germinação e desenvolvimento das culturas forrageiras e prados. Se bem que em algumas regiões

tivesse havido falta de alimentos verdes para o sustento do gado, como é usual nesta época do ano, em geral não houve grandes dificuldades em manter o gado em boas condições, em virtude das reservas importantes de feno, palhas e ensilagem. Também as culturas forrageiras produziram cortes abundantes, nos locais onde não se fez sentir a falta de água de rega.

As culturas dos cereais de pragana, cujas colheitas e debulhas terminaram, foram pouco satisfatórias, como se acentuou anteriormente. As produções de trigo e centeio, em segunda estimativa, atingem somente 71 o/o e 67 o/o, respectivamente, das do ano passado.

Todos os produtos agrícolas próprios da época apareceram com relativa abundância nos mercados e feiras regionais.

De um modo geral o trabalhador rural encontrou ocupação em todo o País, tendo até o seu número chegado a ser insuficiente para a execução dos trabalhos normais da época em muitas regiões. Em algumas freguesias do Alentejo notaram-se crises de trabalho que foram atenuadas pela utilização da mão-de-obra disponível em obras públicas.

Variedades de batata cuja importação para semente está autorizada

Segundo o disposto no § 4.º do art. 20.º do Dec. 36 665 de 10 de Dezembro findo, a lista de variedades de batata cuja importação para semente está autorizada é a seguinte:

Ackersegan ou Sergen; Agnes; Alfa ou Alpha; Allerfrüheste Gelbe ou Palogan; Alma; Ambra; Amyla; Ari; Arran Banner; Arran Consul; Arran Peak; Arran Victory; Aryo; Auguta; Bintje Bronderslev; Capella; Carmen ou Karmen; Concordia; Condea; Cornelia; Datura; Delos; Dianella; Eerstling ou Duke of York; Eigenheimer; Erdgold; Eva; Fabricia; Fina; Flava; Forelle; Frühbote; Frühgold; Frühmölle; Frühperle; Gineke; Grata; Heideniere; Isola; Jakobi ou Jacobi; Jara; Kardinal; Katahdin; Kennebec; King Edward; Kmiec; Königsnieri; Krassava; Lori; Majestic; Maritta; Marktredwitzer Frühe ou Nova; Merkur ou Alava; Mirka; Oberarubacher Frühe ou Santa Lucia; Olalla; Panther; Pepo; Ponta; Record; Royal Gold; Royal Kidney; Sabina; Servena; Sieglinde; Sientje; Up-to-date; Ute; Valenciana; Virginia ou Linda; Voian; White Ultimus ou Ultimus Blanche.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo

Serviço Meteorológico Nacional

2.ª década (11-20) de Outubro de 1960

Influência do tempo nas culturas

A alteração de períodos de chuva e de bom tempo durante a década favoreceu as culturas horticolas, as pastagens e muitas espécies arbóreas,

designadamente os citrinos e os olivais que apresentam bom aspecto. A germinação dos cereais e a primeira fase de crescimento dos mais adiantados estão a decorrer em boas condições dado o bom teor em água do solo.

Por outro lado a chuva prejudicou a secagem e a recolha do milho e do figo e a colheita do arroz e provocou o apodrecimento de uvas e batatas.

Os trabalhos agrícolas estão a fazer-se em boas condições, com as terras em boa sazão para serem trabalhadas e para as sementeiras, que estão a realizar-se com grande actividade.

Em Trás-os-Montes as geadas causaram prejuízos de importância relativamente pequena nas culturas horticolas.

Exportação

Nos dois primeiros meses deste ano, exportamos amêndoa em miolo e queijos, nas quantidades, valor e destino a seguir indicados:

Amêndoa

Ulamar:		Tons.	Contos
Moçambique	1	37	
Outras prov. ultr.	—	7	
Estrangeiro:			
Bélgica-Luxemburgo	46	1.127	
Nova Zelândia	15	309	
Dinamarca	12	308	
Alemanha	12	288	
Reino Unido	12	225	
Suécia	9	208	
Holanda	8	191	
França	7	153	
T. Brit. A. C. S.	5	106	
Noruega	4	95	
União Sul Africana	2	33	
Outro países	—	8	
Totais	133	3.095	

Queijo

Ulamar:		Tons.	Contos
Cabo Verde	1	15	
Guiné	2	44	
S. Tomé e Príncipe	1	24	
Angola	50	1.134	
Moçambique	36	785	
Estrangeiro:			
E. U. da América	6	225	
Congo Belga	3	125	
Outros países	—	9	
Totais	99	2.361	

A UNIFA

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e R. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplôcampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Rua do Comércio, 49 — LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 84 — PORTO

GAZETA das ALDEIAS

(451)

Aos Senhores Lavradores

Na limpeza e desinfeção de todas as vasilhas e material de adegas, use

ACTISOLAR-P.

Tira-lhes os maus gostos, o acético e toda a sujidade.

DESINFECTA E AVINHA

É a melhor garantia de conservação de todo o vasilhame.

PEDIDOS À **CASA "ÉTERES"**

Mercado Municipal Tel. 453-V. N. de Famalicão

3708



3047

A BOMBA QUE LHE RESOLVE O ABASTECIMENTO DE ÁGUA NA SUA CASA DE CAMPO

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL E ULTRAMAR

J. L. DUARTE DE ALMEIDA

RUA S. MIGUEL, 61
PORTO-TEL. 26515

A D U B O S

Superfosfatos 15%, 18% e 42% — Em pó e granulados.

Superdrine — Adubo insecticida.

Sulfato de Amónio — Do Amoníaco Português e de «Cobelaz».

Nitrocalciamon Concentrado — com 26% de azote (metade amoniacal e metade nítrico), contendo cal — em sacos de 100 ou de 50 quilos.

Nitrocalciamon «Cobelaz» — Com 20,5% de azote (metade nítrico e metade amoniacal) contendo cal.

Sulfonitrato de amónio «Cobelaz» — Com 26% de azote (7% nítrico e 19% amoniacal).

Nitrato de cal — Com 15,5% de azote nítrico.

Cianamida cálcica — Sulfato de potássio — e Cloreto de potássio.

Adubos químicos mistos — Em pó e granulados.

Adubos mistos concentrados.

DEPÓSITOS E REVENDEDORES NO PAÍS, ILHAS E ULTRAMAR

S. A. P. E. C.

3686

LISBOA:

Rua Vitor Cordon, 19, 1.º

Telefs.: 366426-366427-366428 e 366429
30715-30716-30717

Telegramas «SAPEC» — Lisboa



AGÊNCIA NO PORTO:

Praça da Liberdade, 53, 1.º

Telefones: 23727 e 26444

Telegramas «SAPEC» — Porto

PELES de coelho, raposa e de todos os animais — Curtilmos, tinglmos e confeccionamos

RÚSSIA NO PORTO

Raposas e casacos de peles aos melhores preços.
R. Fernandes Tomás, 561-Porto
(Anima da Capela das Almas)
Telef. 22960 2118

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião

CONSERVAM-SE MALAS
NÃO CONFUNDIR

José Apolinário
31-Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEFONE, 23636 — PORTO

1943



NOVIDADES

— m a n d a r i m —

UTILIDADES

LISBOA—141-R. Augusta-145—Telef. 22407 (PBX)

PORTO—12-Santa Catarina-20—Telef. 27239

PORCELANAS—CRISTAIS—FAIANÇAS

2906

* COSSONAY (SUIÇA) * OSLO * S. PAULO *

LONDRES * ANVERS * ARCISATE (ITÁLIA)

YARMOUT (CANADA) * VIENA * MADRID * ATENAS



Um simbolo de confiança na alimentação do gado e das aves.

3501

PROVIMI-PORTUGUESA

Concentrados para Alimentação de Animais, L.^{da}

Rua do Machado, 47 - Carnide
LISBOA

Fabricantes-Concessionários em várias regiões do País

* CASABLANCA * ROTTERDAM * PARIS/CROIX *

Os produtos da

UMUPRO

LYON-FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ - Produto eficazissimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ - Para combate aos ralos, à base de clordane;



são distribuidos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.^o, L.^{da}

Rua do Almada, 329-1.^o - Telef. 23007 - PORTO

3199

SACAVÉM

Se V. Ex.^a

Tem necessidade de adquirir

Serviços de Mesa

Faianças de Fantasia

Loiças para Cozinha

Azulejos ou Mosaicos

Loiça Sanitária

escolha a marca de confiança

Grande resistência e formatos modernos

À VENDA NO PORTO NA

R. DAS CARMELITAS, 40

LISBOA

COIMBRA

Av. da Liberdade - 49/57

R. Dr. M. Rodrigues-13

3048

NITRATO DO CHILE

O NITRATO NATURAL

- * NEUTRALIZA A ACIDEZ DOS SOLOS.
- * AZOTO EXCLUSIVAMENTE NÍTRICO — 100 % DE EFICIÊNCIA.
- * NÃO QUEIMA AS MÃOS.
- * GRANULADO ESPECIAL — DÁ PRAZER DISTRIBUÍ-LO.



3701

É MAIS CARO MAS RESULTA SEMPRE MAIS ECONÓMICO
EM QUALQUER CULTURA E EM TODOS OS SOLOS

O MELHOR CAFÉ
 É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Empia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
 Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos
 Com o *desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam*
 Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00
 Vende-se em todas as farmácias, drogarias, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
 GERAIS:

Vicente Ribeiro
 & C.^a

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º
 LISBOA

2692

SEMENTES

«A SEMENTEIRA» de ALÍPIO DIAS & IRMÃO, para semear nesta época recomenda:

Alfices — Beterraba para mesa, Beterraba forraginosa — Cebolas tempoãs, Cebolas serôias — Cenouras — Couves pincas, Couves tanchuda, Couve flôr, Couve lombarda — Espinafres — Ervilhas de grão, Ervilhas de quebrar — Fava do Algarve, Favaguadice, Favavandosa — Nabo semporão, Nabos serôios — Rabanetes — R. polhos holandeses — Carrajó — Erva molar — Lawn grass — Rygrass — Pinhão bravo — Serradela — Trigo anel — Trigo molar — rem. ç. para adubação — Luzerna de pr. vince, Luzerna flôr ande — Trevo b. rsim, Trevo spadony, Trevo branco anão, Trevo branco gigante Ladino, Trevo da Pérsia, etc., etc., e ainda uma completa colecção de s. mais lindas flores de bulbos holandeses.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê a preferência às sementes que com o maior escitipulo lhe fornece a

«A SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Moustejo da Silveira, 178 — Telef.: 27678 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda

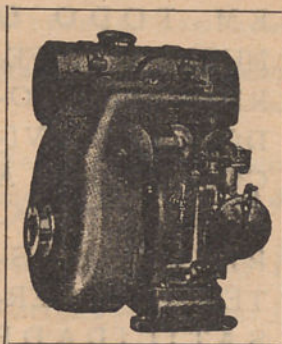
Catálogo grátis em distribuição

1862



Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393

3532

VINHOS

8593

Todos os produtos legalmente autorizados para a indústria vinícola

Material de Adega e acessórios para todas as aplicações

Material de laboratório, reagentes e análises TUDO PARA A VITI-VINICULTURA

Consultar sempre:

A. DUARTE

(Organização Técnica de Enologia)

Rua do Arsenal, 84-2.º Esq. — LISBOA 2
Telefone, 366284

COQUELUCHE

ASMA · BRONQUITE · CATARRO · TOSSE

E OUTRAS DOENÇAS DO APARELHO RESPIRATÓRIO:

ALÍVIO QUASI INSTANTÂNEO COM A APLICAÇÃO EXTERNA DE:



AMBRINOL

PRODUTO DE VALOR TERAPÊUTICO INCOMPARÁVEL, COMPROVADO POR CENTENAS DE ATESTADOS MÉDICOS

LABORATÓRIOS

DA FARMÁCIA VITÁLIA - PORTO

2645



SOGERE

Sociedade Geral de Representações

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 36-1.º, Esq.º — Tel. 24720
LISBOA — Avenida Guerra Junqueiro, 12-3.º, Dt.º — Tel. 725.728

Tratamento e conservação do

MOSTO

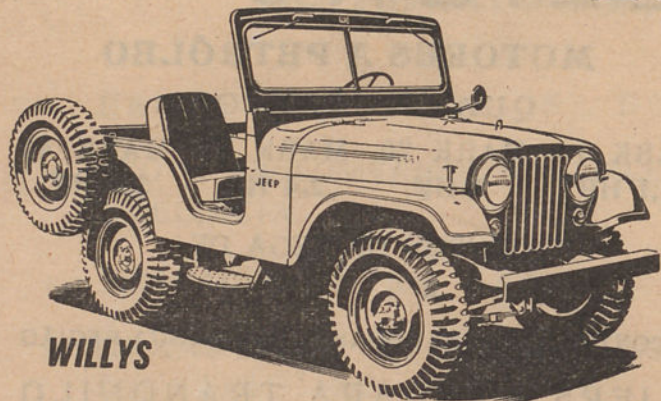
PRODUTOS ENOLÓGICOS
MATERIAL DE LABORATÓRIO

ANÁLISES

Recomendamos para colagens a Gelatina «SPA»

541

Jeep®



O VEÍCULO PARA
TODO-TERRENO
CONSTRUÍDO EM
MAIOR NÚMERO
EM TODO O
MUNDO E PREFERIDO
PARA TODOS OS SERVIÇOS,
DEVIDO À SUA INCOMPARÁVEL
RESISTÊNCIA E VERSATILIDADE
DE APLICAÇÃO

ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

(I C A L)

Avenida da Liberdade, 35-1.º — LISBOA

3427

Fábrica de Passamanarias

(FUNDADA EM 1910)

Galões de seda para paramentos
de Igreja

Elásticos para suspensórios, calçado,
cintas, etc.

GARCIA, IRMÃO & C.ª L.da

Avenida Fernão de Magalhães, 1201
Telef. 41273 PORTO

3525

H. KLEIN, L.ª DA

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas,
produtos especiais para o tratamento, melhora-
mento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto
esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia,
Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1823



As mais seleccionadas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta
As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos
Internacionais

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas,
fungicidas. Construção de Jardins, Parques e Pomares.

Alfredo Moreira da Silva & F.ª S., Lda.

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO
Telef. 21957 Telegr. «Roselândia-Porto»

CATÁLOGOS GRÁTIS

3702

Viveiros da Quinta de S. Miguel

A maior selecção de barbados americanos, de todas as variedades e para todos os terrenos, bem como árvores de fruto rigorosamente seleccionadas e desinfectadas.



Suínos de pura raça YORKSHIRE (LARGE WHITE). Galinhas de raça PLYMOUTH ROCK BARRADA e LIGHT SUSSEX. Perús MAMMOUTH e patos KAKI-CAMPBELL e PEKIN. Novilhos e novilhas, pura raça holandesa, e outros melhorados pelo sangue da mesma raça.

No seu próprio interesse, visite os nossos viveiros, onde poderá admirar os maravilhosos frutos da nossa colecção de «pés-mães».—Peça catálogo grátis.

Sociedade Agrícola "Quinta de S. Miguel", L.da

Carreira — Silveiros (Minho)

3684

Telef. 71 — NINE

Bosch

**BOMBAS E INJECTORES
PARA TODOS OS MOTORES AGRICOLAS
E SUA REPARAÇÃO
COM PEÇAS GENUINAS BOSCH**

E. T. ROBERTO CUDELL, L.^{DA}

PORTO

LISBOA

R. Faria Guimarães 883

R. Passos Manuel 30

112 Av. Duque Loulé 120



CHOCADEIRAS

(FABRICO FRANCÉS)

Eléctricas, petróleo e mistas. 50 a 20.000 ovos. Máximo rendimento. Acabamento esmerado. Preços mais baixos do mercado.

Telefs. 21241/25085

H. BRAAMCAMP SOBRAL, LDA

Prça do Município, 19-2.º — LISBOA

PINTOS DO DIA

Importação da América, Holanda, Dinamarca.

Engorda:

White Cornish, White Rock, etc. «Híbridos» para carne

Ovos:

White Leghorn, Rhode Island, New Hampshire, etc. «Híbridos» para postura

Produtos V.A.P.—Portugal

(Fórmulas Inéditas)

GLYCOL

(O Ideal da pele)

O bálcão preparado que realisa a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade

V
A
P

VAP

(Elixir dentífrico concentrado)

Um sômbro realizado: aroma sedutor, frescura inextinguível e higiene máxima

À VENDA NAS MELHORES CASAS DO PAÍS

Depositários Gerais: **Ventura d'Almeida & Pena** — Rua do Guarda-Mor, 20-3.º-Esq.-LISBOA
ENVIAMOS ENCOMENDAS PELO CORREIO À COBRANÇA 1508



Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, Limitada

O estabelecimento hortícola mais antigo e completo da Península

Fundado em 1849

Adubos para todas as culturas — Fórmulas químicas e químico orgânicas — *Árvores florestais e de fruto* — *Oliveiras e videiras* — Distintas variedades, rigorosamente seleccionadas — *Sementes de horta e forragens* — Acabamos de receber dos nossos antigos fornecedores do Estrangeiro, verdadeiramente seleccionadas e com todas as garantias, sementes de Horta e Forragens, a preços razoáveis * *Batata de semente* — Anualmente importamos batata de semente, devidamente certificada, das variedades mais produtivas e mais acreditadas no nosso País.

Catálogos grátis a quem os requisitar

2096

QUINTA DAS VIRTUDES

Rua Azevedo de Albuquerque, 5 — PORTO
Telefone, 21692 Telegramas: HORTICOLA — PORTO



9698



Sunda Elástica

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos

ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165—PORTO

Telefone, 22908

1701



O Caminho de Ferro é o transporte ideal, pois é seguro, rápido, prático e económico.

1593



AGROLIZ

Um eficiente correctivo calcáreo indispensável para a obtenção de grandes produções vegetais, sobretudo de leguminosas — as plantas de maior valor.



Pedir informações comerciais e técnicas a:

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

LISBOA Rua Braamecamp, 7 Telef. 59161/6

PORTO Av. dos Allados, 41-2. Telef. 20131/2

e na PROVÍNCIA:

AOS SEUS AGENTES E AOS GRÉMIOS DA LAVOURA

8704

TUBAGENS PLÁSTICAS

Mangueiras em borracha ou plástico para: pulverização, rega de jardins, vinhos, ácidos e canalização de água potável, chupadores de borracha ou em plástico, etc. Telas em plástico ou borracha. Assentos em plástico para retretes. Baldes, jarros, bacias, funis. Capas e fatos impermeáveis para homem, senhora e criança, etc. Botas de borracha «Dunlop» e nacionais para homem, senhora e criança em todos os tipos. Bonecas de borracha. Colchões e almofadas em borracha «Espuma». Bolas e câmaras de ar para Futebol. Vedantes esponjosos e não esponjosos para portas e janelas de automóveis e casas, capas para pedais, etc. Tapete estriado para automóveis. Suportes para telefones. Meias elásticas, etc. Borrachas para todos os fins.

«JULINA» A MELHOR TINTA A ÁGUA PARA PAREDES INTERIORES

Baldes plásticos de 6 a 7 litros a Esc. 13\$50

A CENTRAL DA BORRACHA

DE — **Armindo Mendes**
Trav. dos Clérigos, 1 a 5 — PORTO — Tel. 27585

3656

MOBILIÁRIO USADO

em todos os géneros, para todos os aposentos.

Temos moderno e antigo.

Temos mobiliário em todos os tamanhos e para todos os preços.

Na nossa casa compra o rico, o pobre e o remediado.

Também fabricamos qualquer modelo por encomenda e fazemos entregas ao domicilio.

VENDAS, TROCAS E COMPRAS DE MÓVEIS DE QUALQUER GÉNERO.
ANTIGUIDADES E TUDO DE VALOR.

A **Casa das Móveis Usadas** do Porto é na Travessa de Cedofeita, 46 — Telefone, 25756.

3605

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860

BENZANE EUREKA

À BASE DE BENZOL

Desinfectante a seco, especial para combater a

CÁRIE ou FUNÇÃO do TRIGO

- * Não é tóxico
- * Não levanta poeiras incomodativas
- * Eficiência comprovada
- * Muito económico

Estimula a germinação

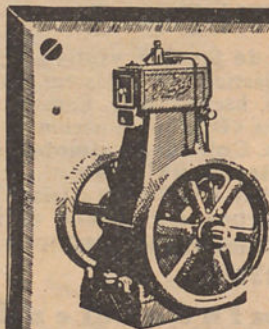
3599

À VENDA EM TODO O PAÍS

INSECTICIDAS ABECASSIS

Soluvol, Lda.

Campo Grande, 189 — LISBOA — Telef. 790916



MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FACILS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
14 - R. dos Concheiros - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

Desde 3½ HP - 600 R.P.M.

1149

Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA—TELEFONE 368989



A MAIS PERFEITA E COMPLETA FONTE
DE ENERGIA AO SERVIÇO DA LAVOURA

- GRANDE VARIEDADE DE POTÊNCIAS • MODELOS ESPECIAIS PARA VINHAS, POMARES E CULTURAS EM LINHA • COMPLETA GAMA DE ALFAIAS
- O ÚNICO QUE APRESENTA EMBRAIAGEM HIDRÁULICA

— MECÂNICOS ESPECIALIZADOS EM TODAS AS AGÊNCIAS DISTRITAIS —

PORSCHE-DIESEL

DISTRIBUIDORES GERAIS. J. J. GONÇALVES SUCRS. LISBOA - ÉVORA - PORTO - AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS